Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

A Literatura Infantil na Escola

Dulcinéia Sebastião Roseno do Nascimento

BIBLIO. CA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 5919
Data 26/01/00

5919

Pontes e Lacerda - MT, novembro de 1999.

Turma-1999/1 Ex. 01

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

A Literatura Infantil na Escola

Ensaio monográfico proposto na disciplina de Estágio Supervisionado da Língua Portuguesa e Literaturas do VIII semestre do curso de Licenciatura Plena em Letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT.

Pontes e Lacerda, novembro de 1999.

"Nunca será demais repetir que os hábitos só se formam através da atividade regular. Mais importante que toda a atividade baseada em livros, mais importante que a melhor discussão, é a própria leitura. É preciso se tornar um princípio o pensamento de que é melhor ler por quinze minutos todos os dias do que meia hora um dia e outro não do que ler uma hora por semana, e assim por diante. A prática regular é a precondição para a formação do hábito."

Richard Bamburger

Dedico aos meus filhos Pedro Henrique e Amanda Luíza por terem sofrido com minha ausência devido aos trabalhos, intensivos e todas as noites em que fiquei envolvido em meus estudos. Dedico também, a minha família, ao pai dos meus filhos e aqueles que diretamente ou indiretamente contribuíram para que meu trabalho se realizasse.

Agradeço a Deus por ter me dado força apesar de problemas enfrentados e por conseguir superá-los. E, também, a todos os professores que estiveram aqui no "Campus" em especial as professoras Ediliane e Marlene por terem me orientado e não terem poupado seu tempo para sanar minhas dúvidas e dificuldades.

Aos meus colegas de sala, que não mediram esforços na hora que precisei e também meus colegas de trabalho que diretamente ou indiretamente me apoiaram.

Deus é tudo que temos, com ele seremos capazes de realizar muito. Produzir frutos bons e saber repartí-los com os nossos semelhantes. É uma forma divina, nas horas de dificuldades ele está ali, pronto para nos ajudar. Basta acreditar e ter fé.

"Obrigada meu Deus".

UNEB
Campus Universitário de Paulo Afonso
BIBLIOTECA

Sumário

1- Apresentação.....7
2- Quadro Teórico.....12
3- Análise do "Corpus".....17
4- Considerações finais.....35
5- Bibliografia.....36
6- Anexos

Apresentação

Durante nove anos em sala de aula pude verificar até que ponto a literatura infantil e a escola estão envolvidas com o interesse do aluno.

Nos decorrer deste período pude perceber que os alunos não sentem gosto pela leitura, principalmente quando é imposta pela professor. O professor está habituado a trabalhar apenas com o livro didático, acreditando que o livro infantil é para o aluno ter em casa. Muitas vezes esses professores agem sem perceber causando, assim, um rompimento da imaginação da criança diante das histórias infantis, não percebendo que a liberdade de expressão pode brotar através do imaginário e que a criança o exercita através das leituras.

É de fundamental importância que o professor prepare a leitura antes de trabalhar com o aluno, muitas vezes ele não tem esse hábito, o que complica-o desenvolvimento da atividade. Além disso, nós professores, da rede pública, enfrentamos a carência de estude e de reflexão teórica para podermos nos atualizar. E, as vezes, exigimos do aluno algo que não é do seu interesse, pois quando a criança é direcionada a uma leitura a dominação do adulto a levará ao conhecimento que ele deseja.

O que percebe-se ainda hoje é que a literatura infantil, está sendo vista pela escola com um objetivo didático acontecendo assim um mascaramento. Segundo Regina Zilberman, em A Leitura e o Ensino de Literatura "A máscara cai quando, no fundo, se

percebe a intenção moralizante; e o texto se revela um manual de instruções, tomando o lugar da emissão adulta, mas não ocultando o sentido pedagógico."

Acreditando neste mascaramento, fui levada a investigar, como a literatura infantil é trabalhada nas séries iniciais e se o conteúdo trabalhado, estava de acordo com a faixa etária do aluno.

Observei que no texto infantil que o livro didático traz, o professor conhece apenas o texto que está ali no livro e não de onde foi retirado, de forma que o aluno não perceba que é uma história.

Observei dezoito aulas na 3ª série, e vi que os textos infantis foram trabalhados do livro didático, em sala de aula, infelizmente foram cobrados exercícios em cima da gramática, interpretação de texto, leituras oral, etc., onde ficou de lado a história. E um dos textos trabalhados foi retirado do livro "Alguns medos e seus segredos", de Ana Maria Machado, onde o mesmo é subdividido em três partes que serão analisadas fazendo assim parte do meu trabalho. Onde o professor trabalhou um pouco a criticidade dos seus alunos, buscando a participação dos mesmos embora não teve a atenção de todos.

De acordo com este trabalho percebi que a literatura infantil não é trabalhada em sala de aula.

Eu, como estudante de Letras e professora de 1° Grau, tenho dificuldades com as atividades que envolvem a L.I. Razão esta pela qual decide buscar informações e através destas poder sugerir/refletir, o que podemos fazer para não deixar a literatura infantil ficar no passado. Pois "A L.I. exerce uma grande influência na formação psíquica e cultural da criança."

Através da história pode-se trabalhar a dramatização e assim alcançar um maior interesse, despertando o senso crítico de cada um. Permitindo que a criança perceba e viva nas histórias, sonhos e fantasias, tendo sua própria leitura de acordo com sua faixa etária e apreensão do conteúdo.

Quero ainda abrir espaço para reflexões e propostas que possibilitem mudanças e que a L.I. ma escola, possa ser trabalhada de forma prazerosa. De forma que, livros infantis sejam manuseados na escola, não com uma finalidade pedagógica, mas sim como uma arte.

Segundo Fanny Abramavich[1] "A maneira mais eficaz de trabalhar a leitura na escola desde as séries iniciais é mostrar que ler não é apenas uma atividade escolar mecânica e descontextualizada, mas sim uma atividade vital, que precisa ser, desde cedo, plena de significação."

Diante das dificuldades encontrada na escola com a literatura infantil, através do que presenciei em sala de aula, e através de experiências como professora, a dificuldade que enfrentei foi grande. Os alunos ficam só na leitura e interpretação superficiais do texto, o que se torna massante e cansativo para eles.

Lanço então, um questionamento, até que ponto a escola oferece aos alunos e professores condições para trabalhar, livros infantis ou juvenis?

Muitas vezes os alunos sentem esta carência, mas acabam se calando, pois já estão habituados àquela mesma rotina. Os alunos ficam muito presos na sala de aula e nas carteiras, deveriam pelo menos uma ou duas vezes por semana sair, ou mesmo que fiquem em sala, mas à "vontade". Iriam ler o livro que lhes fosse interessante no momento.

---

[1] ABRAMOVICH, Fanny - Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices - 1997 - ed. Scipione, S.P.

Muitas vezes os professores trabalham livros que estão distante da faixa etária dos alunos, como mencionei anteriormente, e eles não conseguem acompanhar e soltar a imaginação.

O que também me levou a este trabalho, foi por acreditar que o professor necessita de conhecimento teórico, mas que a prática é de fundamental importância para um esclarecimento, contribuindo para um melhor trabalho com seus alunos.

Ainda, segundo a mesma autora, "A criança, dependendo de seu momento, de sua experiência, de sua vivência de suas dúvidas, pode estar interessada em ler sobre qualquer assunto (...) A questão é saber como o tema é abordado..."

O importante é saber abordar o assunto e não contar uma história mascarando sobre qualquer assunto que possa não ser importante, isso depende da particularidade e interesse que o tema desperta.

E acreditando que a literatura infantil está presente em nosso meio. Desde criança já convivemos com ela, seja direta ou indiretamente.

Os personagens da literatura infantil integram o imaginário de cada criança ligando-se ao emocional.

A partir daí é que trabalhos realizados por vertentes psicanalística, sociológica, pedagógica, perceberam que a literatura feita para criança "... Não é tão inócua assim, e que há algo do sério no reino encantado das histórias infantis." (Cademartori, 1994).

No século XVIII Charles Perrault, foi o iniciador do processo de adaptação dos contos de fadas e é considerado como iniciador da L.I. E revela-se como modelo educativo na conversão da literatura popular em infantil.

A L.I. teve seu auge no Brasil na década de 80, vendendo vários livros infantis voltados ao inventivo da leitura infantil.

Segundo o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), teve uma grande alta na venda dos livros, devido à promoção da leitura, época em que surgiu os quadrinhos. A partir daí, várias cidades através de órgão responsável pelo interesse de melhorar as condições de leituras do povo brasileiro, realizavam vários congressos tendo como princípio a literatura infantil, privilegiando-a como etapa fundamental para formação do leitor.

Segundo Lígia Cadermatori, "A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou poeta."

Mais tarde vários autores escrevem obras, onde quebram a predominância do didático na L.I. Tendo aí Lewis Carrol como um inovador do conto infantil. No Brasil Monteiro Lobato destacou-se com grande abrangência na L.I. onde também estabeleceu uma ligação entre a literatura infantil e as questões sociais. Uma de suas obras que teve ênfase foi o "Sítio do Pica-pau Amarelo", que ainda hoje, é lida pelo público infantil.

Além de Monteiro Lobato existiram e existem autores de boa qualidade. Hoje no Brasil existem livros muito bons pata todas as faixas etárias.

É de fundamental importância saber que desde criança a literatura já está presente, nossos pais nos contam histórias, cantam canções de ninar e não é necessário que se saiba ler, para ter um contato com a obra literária, já que "a criança vê o mundo e ouve a língua antes de lê-la e escrevê-la." (Lígia Cadermatori, 1994).

Quadro Teórico

Para fundamentar o meu trabalho, preciso de uma teoria que dê suporte para encaminhar a análise a que me proponho.

Visto que a sociedade é a base primordial para o relacionamento do sujeito, basearei-me no texto de Angel Pino, "A interação social: Perspectiva Sócio-Histórica", para enriquecer o meu objetivo de trabalho. "A questão da interação social tem que ser analisada no contexto teórico das diferentes concepções reinantes em psicologia acerca da natureza da relação que liga o indivíduo humano e seu meio." (PINO, 1991).

A teoria social-histórica é vista de acordo com três pressupostos básicos.

O primeiro mostra que o homem transforma a natureza, atendendo assim suas necessidades, onde desenvolve suas funções mentais e habilidades técnicas. Diferenciado-se do animal, pois modifica seu trabalho, de acordo com suas necessidades e o animal não modifica, porque não cria instrumento. Ao construir uma natureza simbólica faz com que o mundo natural só exista para o homem enquanto reconstruído pela linguagem. Pois sem a linguagem não haverá cultura. O homem cria signos, instrumento simbólicos e linguagem, para que através destes possam se comunicar, sendo um sujeito cultural em seu meio socio-cultural.

No segundo pressuposto nos é colocado que "... as funções psíquicas são de natureza e origem sociais." (PINO, 1991). Acreditando que o meio socio-cultural é

Campus Universitário de Língua e Cultura
BIBLIOTECA

necessário para constituição psíquica humana, já que não é de ordem biológica mas, sim, da ordem cultural, "o sujeito no caso da criança, as adquire no meio dos homens na vivência com eles, mas também porque sua natureza ou modo de ser social." (PINO, 1991). E que a partir do que a sociedade oferece é que o lado psíquico será desenvolvido.

O terceiro pressuposto diz que "Toda atividade humana é mediada semioticamente." O homem ao se relacionar com o mundo natural e cultural, utiliza-se de instrumentos técnicos e sistema de signos. Através destes signos a sociedade constrói uma realidade de outra ordem que é a realidade simbólica.

O sujeito está sempre em mudança pois sua natureza lhe permite pensar e agir. A partir do relacionamento dele com o outro sujeito, usando a linguagem, a interação está presente. O sujeito tem a capacidade de influenciar o outro através da fala, dessa forma ele expõe sua natureza e sua forma de pensar.

Portanto, interação social é uma questão fundamental para conhecer o ser humano, sua problemática, pois ao mesmo tempo que transforma a natureza para atender as suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo.

Uma vez tendo discorrido sobre essa sociedade mediana semioticamente, é pertinente, neste quadro teórico falar sobre a arte, a leitura, a literatura e o trabalho desenvolvido a partir deste.

Entendo que a transmite significados, ao sujeito que usa da intuição para uma compreensão do mundo. Vejo, ainda, que ela "capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade." (ARANHA & MARTINS, 1986).

A sociedade de hoje vive desde o século XVIII, sob o signo da longa revolução, dividida em três planos: econômicos, político e cultural.

O terceiro destes, o plano cultural, deu ênfase à leitura, pois ela abrange as necessidades de massa urbanas e operárias. Os operários precisam de signos para obedecer instruções. E assim seguiram os hábitos burgueses para abranger o saber usando a conduta pessoal moderada, a postura racionalista. Tornando este o modelo da vida burguesa que atingiu a classe baixa sem discriminações.

Os livros eram vistos como instrumentos para a "... difusão do saber e o meio através do qual cada um apropria da realidade circundante..." (ZILBERMAN, 1991). A Enciclopédia no séc. XVIII foi destinada ao saber acumulado com modo didático, com finalidade de se tornar popular e acessível.

Segunda a autora "... das relações entre leitura e o contexto histórico sugere que o hábito de ler, ainda que consiste numa ação individual somente pôde se expandir e se afirmar, quando se impôs um certo modelo de sociedade..." (ZILBERMAN, 1991).

Através da leitura o sujeito atribuiu significados ao mundo, de acordo com a faixa etária, a criança já assimila os signos e consegue assim decifrá-los, pois os livros estão ali no seu dia a dia. De acordo com a sociedade contemporânea, a ação pedagógica é necessária, onde a sala de aula e professor são de fundamental importância.

Ainda de acordo com Zilberman, "A literatura infantil estimula a alfabetização...". E quanto aos livros especialmente dirigidos aos períodos da alfabetização, são transitórios, pois limitam-se ao momento que a criança domina o código escrito.

O tempo para a leitura está destinado à escola, e estas leituras ficam limitadas, muitas vezes em cima dos textos que os livros didáticos trazem fica ali só a preocupação

do aprender a ler, escrever e gravar as regras gramaticais. Os professores deveriam enriquecer suas aulas, trabalhando com obras literárias, romances contos, poemas etc. Dessa forma os alunos poderiam adquirir gosto pela leitura/literatura.

Alguns professores estão progredindo, trabalhando assim com pequenos trechos de livros de alguns escritores que estão presentes nos livros didáticos, trabalhando a criatividade de seus alunos com: dramatizações, jograis, formulando novos enredos para as mesmas personagens, dissertações etc.

Segundo a autora já citada "... a presença do texto literário em sala de aula é a necessidade de conhecimento, por parte do aluno, da história da literatura nacional, sua tradição e membros ilustres..." (ZILBERMAN, 1991). Dessa forma o incentivo a leitura se alarga dando assim abertura para a literatura.

Vendo a literatura como arte, cabe assim, a fala das autoras. "A obra de arte é aberta no sentido de que ela própria instaura um universo bastante amplo de significações que vão sendo captadas dependendo da disponibilidade de receptores." (ARANHA & MARTINS, 1986).

É importante ressaltar que desde criança a literatura já está presente, nossos pais nos contam histórias e cantam canções de ninar. Não é necessário que se saiba ler para se ter um contato com a obra literária. Já que "a criança vê e ouve o mundo antes de ler e escrever". (Lígia Cademartori, 1994).

É fundamental que a escola e o professor elaborem juntos os textos que estarão utilizando com seus alunos e que tanto os textos literários e os não-literários, devem estar presentes na sala de aula. Ambos têm suas funções necessárias para o sujeito perante a sociedade. E quando o leitor ficar diante do texto, ele possa ter seu próprio discurso.

"(...) Só então esse discurso poderá mostrar-se liberado e autônomo, ainda que motivado pelo texto (...) o leitor encontra a devida ressonância para a sua fala." (ZILBERMAN, 1991).

Tendo portanto, feito tais considerações acerca dos conceitos, com os quais trabalharei, volto a verificar a que me produz anteriormente. Enfocarei os aspectos encontrados na observação das aulas à luz teórica, bem como, proporei, reflexões sobre o trabalho didático/literário nas séries iniciais.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

O livro didático e a literatura infantil

De acordo com o trabalho que venho fazendo darei continuidade falando sobre o livro didático e a literatura infantil, de como eram trabalhados ou ainda são as escolas.

Após a ascensão da burguesia a criança e a instituição família ganham ênfase especial, ocorrendo a idealização da infância e da criança, tornando-a o eixo aglutinador da sociedade. Segundo Zilberman com estes acontecimentos fez-se necessário o surgimento de instituições onde a literatura e a escola se aliaram com intuito de proporcionar a educação desse que chamariam público leitor, dando ênfase na alfabetização e a escrita. A escola tinha/tem um função redentora e surgiu um novo sujeito, com isso, as portas da sociedade foram abertas para esse público. A escola era plena para uma sociedade onde passou a existir um crescente consumo de livros.

Tudo isso fez surgir dois problemas: modelo adulto onde a inclinação pedagógica vem à tona com a função de ensinar, o outro está ligado à questão sociológica da literatura. No entanto, "é necessário percorrer outra via, ainda pertinente as características do gênero", (ZILBERMAN, 1994), para resgatar a qualidade estética da literatura infantil.

Com a carência artística fez-se necessário resgatar a qualidade estética da literatura infantil e sua qualidade cultural. Percorrendo assim a trajetória histórica-social onde a literatura infantil não fala unicamente aos parâmetros ideológicos, mas a seus leitores, podendo ainda cativá-los.

O leitor não deve ser apenas um receptor, mas também um indivíduo ativo capaz de aceitar ou sujeitar o texto de acordo com a sua visão e sua compreensão de mundo.

A partir do reconhecimento do leitor-criança, houve uma ruptura com os padrões adultos permitindo que a qualidade literária se desvinculasse dessa transmissão de valores ligados à dominação da criança. O foco sociológico, agora presente nas obras, voltou-se para quem lia os textos.

Com a importância que foi dada para o leitor criança, onde o mundo fictício faz com que este leitor se identifique com o texto, fez emergir também uma "criança imaginária", ou seja, "o leitor suposto no texto". Dessa forma o autor não se baseou numa determinada criança, mas sim a criança que se identificou com o contexto da obra, de acordo com a sua visão. Abrindo assim, espaço para o "intercâmbio do leitor com o livro", resultando desse encontro uma posição crítica e não direcionada.

A literatura infantil configura a função exercida pelo leitor no texto fazendo com que a criança imaginária venha à tona e dessa forma aparece a evidência temática e a ideologia da obra.

Podemos observar que a leitura, na escola brasileira está dividida em dois pólos: geral e particular[2], esse ensino não se difere se feito em livro didático (LD) ou não. O primeiro está ligado ao resultado do aprender a escrever: alfabetização e o segundo ao conhecimento literário, dando preferência ao nacional. Cabendo à leitura, aproximá-los com intuito de "consolidar a habilidade de decodificar textos transmitidos por escrito e desenvolver o gosto pelo literatura, reconhecendo sua importância e acatando o que a tradição (a história) prescreve." (Zilberman, 1991).

---

[2] ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. 2ª ed. - São Paulo: contexto, 1991.

A leitura através do livro didático traz o reflexo do ensino e da literatura, já que ela sendo vista como "evento cultural e social" cabendo ao professor saber encarar, já que o livro didático é um ponto de apoio do docente.

É interessante salientar que o conceito da leitura, mostra como o hábito de ler, seja para completar exercícios, e não como gosto e prazer. Embora os livros didáticos trazem textos de autores atuais ou o próprio docente busca outros textos, mas continuam na mesma "tecla", o hábito.

E se a instituição continuar neste hábito, sem estimular os seus discentes tratando os mesmos como "objeto de medicina", segundo Zilberman mostrando textos repetitivos mesmo que seja de acervos novos mas que o contexto continue o mesmo. Podemos ter certeza que o conceito não irá mudar.

O livro didático como percebe, até agora, está apoiado no conceito de leitura-texto-exercício. Ensina-se a decodificação dos códigos lingüísticos, alfabetiza-se para que o sujeito possa desenvolver seu ato de leitura, este se efetua em um texto (neste caso literário) para fins únicos: os exercícios. Onde alfabetizar, decodificar, interpretar, completar, grafar é o que é passado para os discentes.

Embora os textos sejam atuais, continua as mesmas regras e quem ganha com isso é a indústria livreira. Por essa razão é "ilusório" desvincular o livro didático do contexto capitalista, pois este surgiu aliado a ela e, como nos coloca Zilberman, só deixará de existir fora desse sistema social.

Complementando este aparato teórico farei um breve comentário sobre a apresentação do L.D.[3] usado nas aulas que observei e que estarei relatando mais a frente.

Segundo a concepção dos autores, os livros didáticos são objetos inseparáveis do professor e do aluno onde a função é de ensinar e aprender. Agora eles estão pretendendo romper esta barreira que este livro trabalhará com o conhecimento do aluno, trazendo textos e atividades onde a função do mesmo não é de ensinar o aluno, mas que ele aprenda com ele, construindo o seu próprio conhecimento, utilizando-o com finalidade de consulta onde desenvolverá seu lado de um pesquisador.

Sobre o ponto de vista dos autores há várias opções de conteúdo e não é necessário seguir todos, mas trabalhar de acordo com a realidade de sua turma, onde ele mesmo pode preparar seu planejamento. O livro se divide em leitura, produção, textos e gramática.

A primeira parte se detém em transmitir ao aluno a compreensão, interpretação e a produção de texto. E para que isso aconteça o livro didático traz duas preocupações:

- convite à leitura, onde a função do texto é permitir a imaginação, reflexão e despertar emoções;

- reflexão sobre a vida onde os textos estão com enfoque variados sobre a vida humana, no seu aspecto psicológico, social e existencial.

Para que tudo isso possa acontecer a leitura foi dividida em três momentos: "texto de apresentação; textos de análise, ler; ler; textos de leitura: o prazer de ler."

O primeiro se deteve em trabalhar as imagens, textos, microtextos ou frases com finalidade de despertar a sensibilidade do aluno onde ela possa refletir sobre o tema.

---

[3] Sargentim, Hermínio G. 1946 - Atividades de Comunicação: leitura: produção de texto: Gramática

De acordo com o segundo, houve a preocupação com a grafia, tamanho do texto e da letra, assim facilita a leitura do texto. E que para cada texto proposta a análise, o aluno pudesse desenvolver a atividade de compreender, discutir, criar e expressar e grafar. No último item o aluno pode consultar a gramática no final do livro.

Na concepção do terceiro item, os textos são propostos com a finalidade de incentivar o aluno, despertando prazer de ler e não uma obrigação.

De acordo com a segunda parte do livro, a produção do texto está inserido o homem e a linguagem sendo que "o homem ao escrever, se inscreve na matéria, imortalizando, o seu pensar e sentir." (SARGENTIM & FERNANDEZ, 1996). A linguagem é uma manifestação da escrita. Nós temos habilidade da escrita e para que isso aconteça devemos escrever e que não é o domínio do discurso literário que domina a escrita, basta que cada sujeito desenvolva a habilidade que já traz ao nascer.

Na terceira parte os autores se detém na gramática, onde de acordo com eles, o objetivo que a gramática trazia antes, era de avaliar a capacidade do aluno de reproduzir conhecimento, hoje busca-se trabalhar o conhecimento já adquirido onde ele possa com a gramática compreender os significados e colocá-la em ação. A gramática deve ser trabalhada dentro de um contexto onde a mesma irá "acionar significados que se tem em mente". Segundo os autores Sargentim e Maria Délia Fernandez, a gramática deve ser estudada a partir de três perspectivas: funcional, descritiva, normativa. Seus objetivos como professores de língua, não é tornar seus alunos professores de língua portuguesa, mas ser um usuário eficiente da língua. Onde é da competência do professor acompanhar

---

língua portuguesa/ Hermínio Sargentim, Maria Délia Fernandez. _ São Paulo I BEP, 1996.

este trabalho com seu aluno para que eles possam buscar conhecimentos tornando-se agentes na própria construção do seu conhecimento.

Seguindo o trabalho já proposto irei relatar juntamente com a minha análise a opinião crítica de alguns autores sobre o livro didático e o ensino da literatura. Haydée R. Coelho em: "Um olhar em movimento: O ensino da literatura nos livros didáticos", busca analisar o livro didático (L.D.) a partir da contraposição da apresentação e o que é trabalhado de fato. Utilizou os livros "Literatura brasileira", "Literatura brasileira das origens aos nossos dias" e "Literatura participação e prazer". Estes serviram de "corpus" ao seu trabalho que buscava analisar o conceito crítico que cada autor tinha em relação ao conceito da literatura.

No primeiro, de acordo com a autora há uma incoerência entre apresentação e o que é trabalhado quando o autor cita que tornará a leitura "agradável e atual bem como um material para reflexão sobre nossa realidade". (Coelho, 1992), se é de fato voltado para esta reflexão faz-se necessário levar em consideração a indústria cultural pois trazendo livros atuais ou não, sendo que eles não são considerados literatura hoje, nada impede que seja no futuro, e o que já são, amanhã podem não ser.

O segundo LD propõem o estudo da literatura fundamentado-a em dois objetivos básicos "a cronologia dos estilos de época da nossa literatura" e "análise de diferentes recursos expressivos caracterizando cada estilo, se apoiando em um mesmo tema "o do relacionamento amoroso" (Coelho, 1992).

Uma vez que o enfoque literário é visto através de escritor, obra e público acontecendo então a falha desse LD, pois não consideram a diversidade entre culturas. E

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

que a linguagem é utilizada para estabelecer diferenças entre o literário e o não literário, sendo que não é só ela que particulariza o texto literário.

De acordo com a análise de Haydée, o terceiro LD tem uma visão diferenciada sobre a literatura. A autora trabalha diretamente com os alunos. Cabe aqui a fala da autora "Saber literatura é algo muito diferente. É estabelecer uma relação fértil com os textos..." Onde "o leitor é capaz de comparar, entender, vivenciar de forma profunda e pessoal" segundo a concepção de graça Paulino (Coelho, 1992). Trabalhando a inserção do homem na cultura, mostrando que esta visão não é única.

Além da literatura estar sendo rediscutida surge também outra questão, os estilos de época. A literatura quando trabalhada partindo dos estilos de época permite apenas, a evolução da literatura de forma linear, se os autores trabalhassem estilos diferenciados buscariam no objeto analisado o consenso e a norma. Tornando a literatura uma instituição e um valor.

Segundo Haydée, para ter um conhecimento profundo da história literária brasileira é necessária rever o conceito de história esclarecendo mudança que a crítica literária trouxe para o estilo da História Literária, levando em consideração a discussão sobre dependência cultural. E que o ensino da literatura não se concretiza em um tempo passado, mas sim um passado que move o presente.

A análise de Haydée R. Coelho concluindo que a apresentação dos L.Ds. contrapõem-se ao que é realmente trabalhado em sala de aula, isso confirma-se também no livro de Sargentim e Maria Délia Fernandez.

Realidade na sala de aula

De acordo com o trabalho já proposto, além de ter feitas várias leituras sobre a Literatura Infantil, para completar o meu trabalho, fez-se necessário ir a campo, entrei em contato com a professora e também com o diretor que atuam na escola da rede pública. Não viram nenhum obstáculo, ao contrário me incentivaram.

Diante desse fato, fiz observação de dezoito aulas na 3ª série do 1° grau, na E. E.P.G "Mário Spinelli", em uma turma de trinta alunos de ambos os sexos. A disciplina foi Língua Portuguesa, sendo ministrado por uma professora graduada no magistério. As observações em sala de aula ocorreram no período de 17 a 27 de agosto de 1999. Sendo três aulas por dia.

O objetivo desse relatório é mostrar como a literatura infantil é trabalhada nas séries iniciais. Com intuito de mostrar aos educadores que a literatura deve ser trabalhada sem cobrança. Pois assim estarão incentivando seus educadores para a leitura.

No primeiro dia na sala de aula a professora entra, os alunos estão agitados, o clima estava frio. Então a professora iniciou a aula com um aquecimento, cantando algumas músicas como: "Joãozinho trabalha com um martelo", "Parte do corpo", e "Menina que dança é essa", todos trabalham o corpo. Depois deste aquecimento todos sentaram. A professora pediu que pegassem o livro de português e abrissem na p. 67 e fizessem uma leitura silenciosa do texto "Mãe com medo de lagartixa" (Anexo1). Seria uma leitura oral por fila, mas como alguns alunos não fizeram a leitura silenciosa, a

professora começou a fazer a interpretação oral. Onde os alunos participaram de acordo com o seu entendimento. Citando trechos do texto onde os personagens participaram. Depois a leitura oral foi realizada por fila. Em seguida a professora fez pergunta. "Quem tem medo de bichinho de plástico?". O texto falava sobre o medo. Surgiram vários comentários como:

"Eu tenho"

"Eu não tenho"

"Um dia joguei no meu colega, ele se assustou muito."

A professora também falou que tinha medo e que era normal ter medo e que eles deveriam ter muito cuidado quando fossem assustar alguém, pois há pessoas que têm problemas de saúde, podendo assim ser prejudicial. Os alunos participaram por interesse.

Logo em seguida a professora aproveitou o texto aproveitando para retirar os verbos existentes e conjuga-los nos tempos presente, pretérito e futuro. Depois da correção foi realizada no quadro pelos alunos que estavam com mais dificuldades.

No dia seguinte os alunos ao entrarem, fizeram uma oração juntamente com a professora. Em seguida abriram o livro na p. 288-289, tema: redação, anúncio (anexo 2). Fizeram uma leitura, a professora explicou sobre o que é anúncio. Alguns prestaram a atenção outros estavam desligados. Logo depois observando o exemplo do livro cada aluno fez seu anúncio, cada um leu o que havia escrito.

"Vende-se"

"Se você quebrou sua bicicleta na avenida São Paulo, nº 500 e levará uma novinha e com um ano de garantia."

No dia 24 as aulas iniciaram como de costume fazendo a oração. Trabalhando com os livros dos alunos: Atividades de Comunicação (p. 352), texto "Rosa Maria", (anexo 3). Leitura silenciosa, oral em grupo, interpretação.

Alguns alunos não estavam lendo, a professora perguntou: "porque você não está lendo?"

O aluno respondeu: "Não gosto de ler."

Antes da leitura em grupo a professora fez algumas perguntas para os alunos, para observar realmente quem leu o texto com atenção.

"O que vocês entenderam?"

"Que valor ele tem na vida real?"

O texto trabalhado dava idéia de numeral, a professora aproveitou e explicou o que é número cardinal e ordinal. Foi citado exemplo no quadro indicando a diferença de um para o outro.

Ex: o numeral pode indicar: quantidade: um, dois, três, etc. (cardinal). Ordem: primeiro, segundo, terceiro, etc. (ordinal).

- Exercícios de fixação (anexo 5)

Mais uma vez a professora aproveitou o texto para retirar um pronome e fazer conjugação de um verbo no tempo futuro.

Uma das alunas lembrou que já havia visto os numerais ordinais e cardinais, assim a professora explicou que era para eles aprenderem como escrever e ler corretamente.

No dia seguinte fizeram uma oração, mas individual, abaixando a cabeça. Neste dia o texto trabalhado foi passado no quadro (anexo 4), pois o livro não era o mesmo dos

alunos e aproveitando para avaliar a caligrafia, a professora chamava a tenção para as pontuações.

Neste dia a professora fez diferente, resolveu não fazer a leitura antes da interpretação. Para observar se realmente eles prestaram a atenção ao copiar o texto do quadro. Em seguida fez com que os alunos imitassem alguns animais, visto que o texto tratava de animais. Depois mudou um pouco sua atividade com duas brincadeiras. Repartiu os alunos, alguns falaram o número "um", outros número "três" e outros o "quatro", todos falando ao mesmo tempo, saindo assim o som do sapo na lagoa. Os alunos adoraram e a professora repetiu mais duas vezes. Em seguida passou para a segunda brincadeira que é usando os dedos batendo nas mãos imitando o barulho da chuva e do trovão, o barulho do trovão, batendo as mãos na carteira. Atividades no quadro e correção.

No outro dia a oração foi realizada como de costume, em seguida a professora mandou que abrisse o livro na p.398 e fizessem uma leitura silenciosa envolvendo palavras com **g** e **j** em seguida foi realizado um ditado com palavras envolvendo **g** e **j.** A professora chamou atenção pelo uso do **m** e **n** que alguns têm dificuldades. A professora sempre incentivando que eles são capazes de fazer se quiserem.

Os próprios alunos corrigiam seu ditado, e a professora explicou que os mesmos estavam se auto avaliando e se eles não corrigirem certo, estão negando a verdade a eles mesmos. Depois fizeram vários exercícios envolvendo "forme frases", "complete com g e j", "grau e gênero do substantivo", que estarão no anexo 5.

No último dia que estive na sala de aula, ocorreu como de costume, a oração foi realizada. Os alunos abriram o livro na p. 201 e fizeram a leitura silenciosa do texto

"Saudade", (anexo 6). Depois a leitura em conjunto, a professora trabalhou oralmente os pronomes, verbos, o grau, número e gênero do substantivo e percebendo assim que através da participação se os alunos realmente leram o texto. Em seguida foi passado as atividades no quadro.

Foi muito importante para mim ter assistido estas aulas, pois pude perceber que ainda existe a preocupação com aprender regras. Apesar da professora ter mudado um pouco a rotina com as brincadeiras que foram citadas, onde os alunos puderam se distrair um pouco saindo da rotina da sala de aula. No entanto a embora a professora tenha tentado mudar a história ainda continua a mesma.

O outro lado do "Medo"

"... O percurso da literatura infantil desenha sua abordagem, e esta a configura por intermédio da relevância dada à função exercida pelo leitor do texto, o que significa fazer emergir a criança imaginária que elabora ficcionalmente," (ZILBERMAN, 1994) indicando assim, as inclinações temáticas e ideológicas de uma obra.

De acordo com esta citação irei analisar o livro "Alguns Medos e Seus Segredos" de Ana Maria Machado que é subdividida em três partes: "Mãe com medo de lagartixa", "Com licença, seu bicho papão" e "O lobo mal e o valente caçador", as três histórias fazem como tema principal o medo.

A autora inicia a primeira história demonstrando o cotidiano de uma mãe com seus filhos, no início da narrativa a mãe parece corajosa e boa, chega ao ponto de deixar seus filhos criarem várias espécies de animais, menos lagartixa, sapo, minhoca, perereca e camaleão. Destes tinha pavor, nem queria ouvir falar, mas o medo da lagartixa era o maior.

"_ Um perigo dentro de casa! Pode atacar a qualquer instante." (Machado, p. 5).

Os filhos riam dela, eles não entendiam pois uma pessoa tão grande, não tinha medo de animais grande e tinha medo de pequenos e inofensivos. Os seus filhos chegaram ao ponto de comprar uma lagartixa de mentirinha e colocar na gaveta e na prateleira. Quando a mãe abriu a gaveta foi aquele susto e desespero, as crianças foram correndo e encontraram a mãe desesperado gritando.

"_ Uma lagartixa horrorosa! Subiu pelo meu braço e correu para a gaveta! E tem outra medonha ali na prateleira... Pelo amor de Deus vocês peguem esses bichos horríveis que eu não agüento nem ver!" (Machado, p. 6).

As crianças não compreendiam como sua mãe podia ter medo de bichos de plásticos achando até que sua mãe fosse inventadeira. Mas, de repente eles percebem o outro lado, quando sua mãe fala:

"_ Que bom que vocês estavam em casa. Vocês são tão corajosos... Fico tão orgulhosa de meus filhos que não têm medo e tomam conta de mim..." (Machado, p. 9). Abraçando-os e sentindo-se protegida.

Nesta narrativa percebe-se a presença do medo e que os personagens retratam com clareza contradizendo o conhecimento que a criança traz que "gente grande não tem medo", isso não é real. Podemos perceber quando a figura da mãe forte, protetora e poderosa de desfez.

Através desta história o leitor pode chegar a conclusão que gente grande tem medo e que os pequenos podem protegê-los. E que no final da história comprova esta citação acima, quando as crianças entenderam:

"_ Todo mundo tem seu medo, cada um tem seu segredo. Quem parece sempre forte, no fundo é meio sem sorte: tem que agüentar bem sozinho sem ajuda nem carinho."

"_ A mãe é que nem a gente." (Machado, p. 9).

Portanto, a literatura infantil abre espaço para a imaginação de seu leitor onde cada um irá interpretar de sua maneira.

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Em "Com licença seu bicho-papão" é apresentado os primos na varando do sítio em volta de uma fogueira, conversando sobre o que iriam fazer no dia seguinte, quando o sono chegou. Um deles falou:

"_ Estou com medo... " (Machado, p. 12).

E todos começaram a falar do medo do escuro, do Velho-Que-Vem-Com-Um Saco, da Bruxa, do Dragão, do Monstro, de Assombração, de Gigante-Que-Come-Criança, do Ladrão, do Lobo Mau e do Ataque-de-Leão; um deles, porém, falou:

"_ E Bicho - Papão..."

Ficando todos quietos e com medo, menos Tonho. De repente todos viram a luz da fogueira todos os monstros que haviam falado, e eles falavam:

" _ Bota a mesa aí..."

"_ No caldeirão da Bruxa cabem todos..."(Machado, p. 15).

Nesse momento a imaginação ocupa, eles percebem a visão de todos os monstro até mesmo a fala, com esse efeito mostram claramente o que o medo é capaz de fazer com a nossa imaginação. E que esse medo surge no momento que os próprios adultos passam para as crianças por exemplo: "Não faz isso que o bicho-papão te pega." "Não fica sozinho que a assombração vem te pegar..." e assim por diante.

É interessante que quando as crianças citam os nomes dos monstros todos estão com letras maiúsculas mostrando, assim, realmente o tamanho do medo. Quando de repente surge uma voz muito diferente:

"_ Com licença, seu bicho papão..."

Tão normal que todos fizeram silêncio, era Tonho e abriu a discursão com todos os monstros. Tonho não se intimou, um dos monstros perguntou qual era o monstro dele. Ele disse:

"_ A FOME ..." E assim continuou a enfrentar os monstros, falando de pratos deliciosos.

Num determinado momento um dos monstros pronunciou a palavra, Doçura.

"_ Doçura?!_ repetiram todos. _ Ai, que medo!" (Machado, p. 21).

As crianças riram, pois a palavra "Doçura" foi tão forte que os monstros todos desapareceram rapidamente.

Mais uma vez a narrativa mostra que o medo é normal, mas desde que saibamos conviver com eles.

A última parte da obra, que estou me referindo é "O lobo mau e o valente caçador" que traz uma história onde mostra os dois lados, o do caçador e o do lobo, que assusta o caçador. Ambas as famílias (do caçador e do lobo) tinham sua vida normal junto com seus filhos. O pai do menino contava histórias onde o lobo mau era 'só para comer criança e do outro lado os lobos mais velhos falavam das armadilhas que os homens colocavam para prendê-los e pegar suas peles.

A partir dessa concepção a criança já percebe que há dois lados, a visão de um e de outro a partir do lugar que ocupam. Dessa forma os filhos foram crescendo e um belo dia resolveram brincar na floresta, ambos os pais os alertaram do perigo e que era para tomar cuidado.

Nesta narrativa já se percebe o cuidado que os pais têm com seus filhos alertando-os dos perigos existentes na sociedade que muitas vezes é passado de tal maneira que a própria criança já traz este medo e muitas vezes foge de algo que não seria perigoso.

Na história quando o lobo e a criança se encontraram ambos não dão liberdade de se conhecerem já fogem, nenhum deles deu oportunidade para conversarem ficando assim imagem do mal para cada um.

A criança ao ler a história por si pode perceber a realidade do fato, pois nem tudo que nos é passado nos causarão medo, não é igual para todos, pode-se perceber na fala dos personagens:

"_ Encontrei um lobo na floresta, mas ele ficou com tanto medo de mim que saiu correndo."

"_ Encontrei um caçador na floresta, mas ele ficou com tanto medo de mim que saiu correndo." (Machado, p. 29).

A obra de Ana Maria Machado permite ao leitor usar sua imagem de acordo com suas exigências. Ao ler as três histórias o leitor irá perceber que todas têm um mesmo tema, tratado de maneira diferenciada mas que nos leva à mesma concepção.

Onde o medo nos permite algo que muitas vezes na é real e que ter medo é uma coisa normal, mas que devemos saber lidar com ele.

A autora lida com o medo de maneira natural sem convenções, moralismos ou compensações para quem o superar. Volto, aqui, a citar, Zilberman, dizendo que "a representação do mundo de seus leitores é feita, de modo que se esboça através as variadas modalidades de personagens, um modelo de criança". Condição necessária para o diálogo texto-leitor. Surgindo aí a "criança imaginária" (citada pela autora) que interage a

relação autor-leitor-obra, pois a capacidade estética oferecida pela obra colabora "no processo de emancipação da infância e do ser humano." (Zilberman, 1994).

Considerações finais

Em síntese, o que se pode concluir deste trabalho é que a Literatura Infantil deve estar presente nas escolas e que é de fundamental importância que a instituição esteja preparada junto com seus docentes, onde eles possam trabalhar a literatura com seus alunos sem que a mesma seja vista como uma obrigação, e sim uma curtição onde eles possam descobrir o valor que ela pode nos passar. E que através destas leituras tanto as crianças como os adultos possam se identificar e muitas vezes aprender com elas. Mas é interessante que os docentes estejam cientes que essa leitura não deve ser cobrada pelo lado moral da história. E que o próprio leitor possa se identificar dentro do texto.

Através das leituras já feitas vimos que a literatura infantil estimulas a alfabetização. Os pais deve estar informados sobre a importância de livros infantis, histórias, canções de ninar etc. Pois elas podem ser o ponto de partida para o interesse pela leitura.

O livro didático traz textos literários e o professor deve estar preparado para trabalhar estes textos incentivando o educando a ler a obra toda ou outros textos do mesmo autor ou do mesmo assunto mas de autores diferentes onde eles possam aprender mais através da busca de outras obras.

Bibliografia

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: Gostosuras e Bobices. Ed. Scipione, 1997. São Paulo.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires, "Filosofando - Introdução à Filosofia," São Paulo, Ed. Moderna, 1986.

CADEMARTORI, Lígia - O que literatura infantil, editora brasiliense. Col. 163, primeiro passo, São Paulo, 6ª edição, 1994.

KHEDE, Sônia Salomão (org). Literatura infanto-juvenil: Um gênero Polêmico - 2ª ed. Porto Alegre, mercado aberto - 1986.

MACHADO, Ana Maria. Alguns medos e seus segredos - ilustrações de Eliardo França - 14ª impressão. Ed. Nova fronteira - 1984.

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano, In: CADERNO CEDES, 24, p. 32-43 1991, Campinas, S.P. Papirus.

PINHEIRO, HÉLDER, Poesia na sala de aula - João Pessoa: Idéia, 1995- Ed. LTDA.

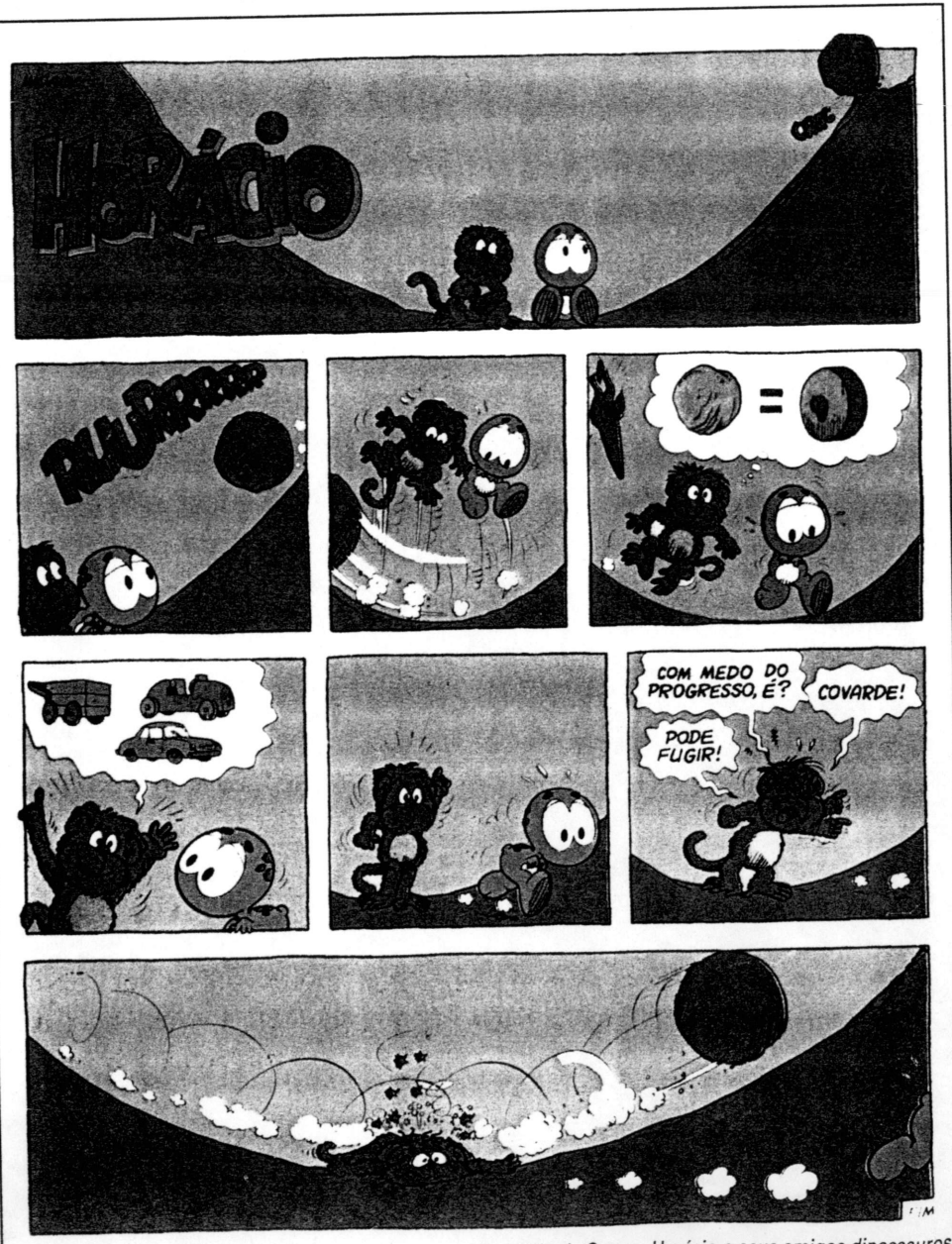
SARGENTIM, Hermínio & FERNANDEZ, Maria Délia, Atividades de Comunicação: leitura, produção de texto - Gramática - Língua Portuguesa. S. P.: IBEP, 1996.

Teoria da Literatura na Escola: atualização para professores de I e II Graus/ Org. de Graça Paulino e Ivete Walty - BH: UFMG / FALE - 1992.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura - 2ª ed. S. P. contexto, 1991.

_____, A literatura infantil na escola, 9ª ed. - S.P.: Global-1994.

ANEXOS



Maurício de Sousa, *Horácio e seus amigos dinossauros*

Ler

Mãe com medo de lagartixa

Era uma vez uma mãe... que tinha medo de lagartixa.

– Um perigo dentro de casa! Pode atacar a qualquer instante!

– Atacar, mãe? Que idéia! – ria Antônio.

– Que gracinha, mãe. Olha aquela lagartixa lá no alto da parede – mostrava João.

– É mesmo, branquinha e transparente, de cabeça em pé. Parece filhote de jacaré – dizia Luísa.

Não adiantava, ela não gostava.

Um dia, resolveram pregar uma peça nela.

Na saída da escola, tinha um vendedor de bala, estalinho, pirulito e brinquedo. Brinquedos gozados: baratas e aranhas de plástico, lagartixas de mentirinha.

Compraram duas e levaram para casa. Puseram uma na gaveta, outra na prateleira, ao lado.

Quando ela chegou do trabalho e foi mudar a roupa, foi um susto. Quer dizer, primeiro foi um:

– Ai! Me ajudem! Antônio! Luísa! João! Depois foram dois sustos:

– Depressa! Vem cá todo mundo!

UNEMAT
Campus Universitário de Cáceres - MT
BIBLIOTECA

Os meninos foram correndo. E viram a mãe tremendo.

– Uma lagartixa horrorosa! Subiu pelo meu braço e correu para a gaveta! E tem outra medonha ali na prateleira... Pelo amor de Deus, vocês peguem esses bichos horríveis, que eu não agüento nem ver!

Os meninos se olharam enquanto ela saía:

– E lagartixa de brinquedo sobe pelo braço?

– Será que tem alguma de verdade?

Olharam bem. Não tinha. Só as mesmas, de brinquedo. E ela com tanto medo! Que mãe fiteira! E ainda por cima, inventadeira...

Foram rir dela, numa grande gozação: mas chegaram na sala e não riram. Porque o que ela falou foi assim:

– Que bom que vocês estavam em casa. Vocês são tão corajosos... Fico tão orgulhosa de meus filhos que não têm medo e tomam conta de mim...

E, sentada no sofá, abraçou os três ao mesmo tempo, fechou os olhos, encostou a cabeça neles, feito menina pequena.

E eles se olharam e entenderam.

Todo mundo tem seu medo, cada um tem seu segredo. Quem parece sempre forte, no fundo é meio sem sorte: tem que agüentar bem sozinho, sem ajuda nem carinho:

– A mãe é que nem a gente.

E gente se assusta, chora, ri, fala, inventa, conta, grita e cochicha.

E pode até ter medo de lagartixa.

Ana Maria Machado, *Alguns medos e seus segredos*

Compreender

Para quem a lagartixa era um **perigo** e para quem era uma **gracinha**?

2. Indique em seu caderno quem falou:

a) – Um perigo dentro de casa!
b) – Ai! Me ajudem!
c) – Atacar, mãe? Que idéia!
d) – Que bom que vocês estavam em casa.
e) – Uma lagartixa horrorosa!
f) – ...Parece filhote de jacaré.
g) – Depressa! Vem cá todo mundo!

3. Que brincadeira os filhos fizeram com a mãe?

4. "Que mãe **fiteira**! E ainda por cima **inventadeira**."

Explique em seu caderno o significado, de acordo com o texto, de cada palavra destacada.

5. "Foram rir dela, numa grande gozação: mas chegaram na sala e não riram." Por quê?

6. Com quais atitudes a mãe mostrou aos filhos que eles representavam uma proteção para ela?

7. A que conclusão chegaram as crianças ao perceberem a reação da mãe?

Discutir

1. "Todo mundo tem seu medo, cada um tem seu segredo." Você concorda com essa afirmação? Por quê?

2. Você tem algum medo? Qual?

3. Qual a mensagem que essa história comunicou para você?

4 Anúncio



Este é o anúncio do urso,
do urso esfregando a pele
cheia de marcas vermelhas:
– Urso,
procura mel
que não tenha abelhas.

Sidônio Muralha, *A dança dos pica-paus*

Conserto

Se sua bicicleta quebrou, não se preocupe.
Procure a oficina da Fantasia.
Consertamos bicicleta de qualquer marca e ano. Rua das Rodas, 535.

Bonecas

Menina, não chore quando sua boneca quebrar.
O Dr. Eulálio, garoto especialista em molas e rachaduras de bonecas, está à sua espera.
Traga já sua boneca e você voltará a sorrir.
Rua do Paraíso, 52 (fundos).

Criação de texto

1. Recorte anúncios de jornais ou de revistas. Cole-os em seu caderno.
2. Tente explicar os objetivos de um anúncio.
3. Observe como é a linguagem num texto de anúncio.
4. Invente anúncios bem originais.

Atividades

1. Escreva o adjetivo no grau superlativo, seguindo o exemplo:

Mara está **muito contente**.
Mara está ***contentíssima***.

a) Este pacote é muito pesado.
b) Este lugar é muito sossegado.
c) Aquele homem é muito forte.
d) Ele está muito mal, mas seu estado deve melhorar.
e) Aquele cantor é muito popular e muito rico.
f) Ela fez uma dieta, está muito magra e muito bonita.

2. Dê o superlativo dos seguintes adjetivos:

a) difícil
b) amigo
c) veloz
d) feroz
e) fácil
f) simples

3. Construa uma frase com cada um dos seguintes superlativos:

a) felicíssimo
b) péssimo
c) macérrimo

13

Numeral

Rosa Maria

Chegamos depois a um quarto de paredes cor-de-rosa. Rosa Maria me disse:

– Não gosto dessa cor.

Perguntei:

– Então qual é a cor que o nenê quer?

Ela ergueu o dedinho e disse:

– Quero a cor que pintaram o céu.

Bati palmas e dei uma ordem. Apareceram cinqüenta baratas vestidas como pintores. Cada uma tinha na mão um pincel e na outra um balde de tinta azul. Saíram a correr pelas paredes, esfregando nelas o pincel de tinta azul. Num minuto a parede mudou de cor.

Olhei para Rosa Maria e disse:

– Pronto, minha amiga. O nenê queria um quarto da cor do céu? Aqui está.

Rosa Maria estava satisfeita.

Érico Veríssimo, *Rosa Maria no castelo encantado*

Observe a palavra destacada:

Apareceram **cinqüenta** baratas vestidas como pintores.

A palavra **cinqüenta** indica um **número**. Pertence à classe dos **numerais**.

O numeral pode indicar:

	Exemplos	Classificação
quantidade	um, dois, dez...	**cardinal**
ordem	primeiro, segundo...	**ordinal**

Conheça alguns numerais

Cardinal	Ordinal
um	primeiro
dois	segundo
três	terceiro
quatro	quarto
cinco	quinto
seis	sexto
sete	sétimo
oito	oitavo
nove	nono
dez	décimo
onze	décimo primeiro
doze	décimo segundo
vinte	vigésimo
trinta	trigésimo
quarenta	quadragésimo
cinqüenta	qüinquagésimo
sessenta	sexagésimo
setenta	setuagésimo
oitenta	octogésimo
noventa	nonagésimo
cem	centésimo

Atividades

1. Escreva por extenso os numerais abaixo:

a) 3 d) 50 g) 17 j) 10
b) 20 e) 6 h) 13 l) 14
c) 16 f) 66 i) 59 m) 161

2. Observe o exemplo e faça o mesmo:

Ganhei o **1º** lugar.
*Ganhei o **primeiro** lugar.*

a) Ganhei o **3º** lugar. c) Saiu na **6ª** posição.
b) Mora no **5º** andar. d) Passou em **8º** lugar.

3. Escreva, por extenso, os numerais ordinais correspondentes aos seguintes numerais cardinais:

a) 10 c) 50 e) 20 g) 60
b) 30 d) 70 f) 40 h) 80

4. Usando números, escreva os numerais ordinais das frases:

a) Nosso time ficou em décimo quinto lugar no campeonato de futebol.
b) Meu nome estava em setuagésimo sétimo lugar na lista dos aprovados.
c) Terminamos agora o qüinquagésimo sexto exercício daquele capítulo.
d) Ele chegou ao nonagésimo segundo ano de vida.

Anexo 4

Quarta-feira, 25 de agosto de 1999.

Português

(Mundo Mágico - Leitura do texto (individual)

O gatinho trapalhão

_ Miau, miau, miau, vou passear no quintal, disse Fofo, o gatinho.
Andou correu subiu, desceu e "timbum", tropeçou.
Caiu na lata de óleo e subiu melado igual a pinto molhado.
_ Au, au, fez o cachorro. Não conheço você, não.
_ Quá-quá, disse o pato. Fofo você não é, não.
_ Curupaco, popaco, papaco. Sai senão te impaco, disse o papagaio.
Fofo ficou muito triste. Seus amigos não o conheciam, mais e ninguém queria brincar com ele.
Aí mamãe gata chegou.
_ Miau, meu filho, por que você está tão triste?
_ Você me conhece, mamãe? Perguntou o Fofo.
_ Claro, meu filho! Mesmo vermelho que nem tomate, verde igual abacate, amarelo como marmelo, eu conheço sempre você, Fofo querido.

(Doris Bering Flintella)

1- Interpretação do texto:

a) Quais são os animais que aparecem na história?
b) Quem é o personagem principal da história.
c) Qual é o título da lição lida?
d) Qual é o nome do autor do texto?

2- Responda

Quem falou?
a)_____ "Não conheço você, não."
b)_____ "Fofo, você não é, não."
c)_____ "sai, senão te empaco."
d)_____ "Porque você está tão triste?"

3- Diálogo entre a mamãe (gata) e o gatinho usando balões e ilustrando com os desenhos

4- Retire do texto todos as palavras que tem acento agudo e acento circunflexo:

5- Escreva o nome das árvores que produzem:
abacate:
marmelo:
tomate:
maçã:
caju:
pêssego:
mamão:
limão:

Grafia do G/J

Compare as letras destacadas:

bre **j** o — **g** esto

Têm o mesmo som.

Palavras com G	
agenda	gesto
agiota	gibi
algema	gilete
algibeira	gim
angélico	gingar
apogeu	girafa
aragem	gíria
auge	giz
coragem	ligeiro
digerir	miragem
digestão	monge
estrangeiro	rabugento
evangelho	rabugice
falange	rigidez
ferrugem	rugido
garagem	selvagem
geada	sugerir
geleia	sugestão
gêmeo	tangerina
gengibre	tigela
gengiva	vagem
gerânio	vantagem
geringonça	vertigem
gesso	viagem

Palavras com J	
ajeitar	laranjeira
anjinho	loja
berinjela	lojista
cafajeste	majestade
canjica	majestoso
cerejeira	manjericão
desajeitado	moji
enjeitar	objeção
gorjear	ojeriza
gorjeio	pajé
gorjeta	pajem
granjeiro	projeção
injeção	projétil
interjeição	rejeição
jeca	rejeitar
jeito	sarjeta
jenipapo	sujeito
jesuíta	traje
jibóia	trejeito
laje	ultraje
laranja	varejeira

Campus Integrado Rui Barbosa

Atividades

1. Escreva as palavras, completando-as com **g** ou **j**.

a) ti ela
b) esto
c) mensa em
d) gor eta
e) pa em
f) gor eio
g) su estão
h) in eção
i) ar ila
j) a eitar
l) ferru em
m) eito
n) ibóia
o) berin ela
p) reló io
q) selva em
r) gara em
s) gen iva
t) ma estade
u) ma estoso
v) mon e

2. Forme palavras derivadas de:

a) laranja
b) selva
c) cereja
d) jeito
e) ferro
f) coragem

3. Complete as frases com as palavras do quadro:

berinjela – engenheiro– coragem – vantagem
gengibre – gêmeos – geléia – rabugento
Gina – agenda – canjica

a) estava sem de contar que perdera a .
b) Meus irmãos adoram comer , , e .
c) O daquela obra era e vivia contando .

4. Invente frases em que apareçam as palavras de cada item:

a) jeito – majestade
b) gorjeio – jibóia
c) pajé – gesto
d) injeção – tigela

2. Reescreva o trecho abaixo no tempo presente:

Avistei um terreiro limpo e no meio dele uma casinha. Quis ver tudo de perto. Pensei: "que casinha bonita!" Entrei na casinha e quando comecei a bicar os farelos a porta se fechou e fiquei preso. Fiquei assustado e inquieto. Um menino me pegou com jeito e me passou para outra casinha. Fui vivendo preso e fui ficando triste.

3. "Foi um pequeno e lindo passeio pelo arvoredo."

➢ ***arvoredo** é o nome dado ao **conjunto de árvores**.*

Escreva frases utilizando o nome dado ao:

a) conjunto de livros:
b) conjunto de peixes:
c) conjunto de fotografias:
d) conjunto de discos:

4. O texto é narrado em primeira pessoa: **eu**. Reescreva o trecho abaixo passando para a terceira pessoa: **ele**. Faça as mudanças necessárias:

Nasci num bosque. Amanhecia quando minha mãe deu-me no bico o primeiro alimento. Fui crescendo devagar e um dia, quis ensaiar o meu primeiro vôo. Foi um pequeno e lindo passeio pelo arvoredo. Brinquei com as borboletas e com outros pássaros. Ensaiei, também, o meu primeiro canto.

Grafar

1. Escreva a frase de acordo com a pessoa.

"Quis ver tudo de perto"

a) você
b) nós
c) Os amigos

2. Leia e observe as letras destacadas:

a) "Na**sc**i num bosque."
b) "... mais perecendo um a**ss**obio rouco."

O que as letras **sc** e **ss** têm em comum?

Unidade 05

Ler

Saudade

Era uma vez um tempo de reis e rainhas.

Num tempo distante, viviam um rei, uma rainha e uma princesinha. E, claro, um povo também.

Certo dia, o rei disse à rainha que precisava viajar pra muito longe.

A rainha não queria que ele viajasse. Se ele fosse, não devia voltar nunca mais.

Mesmo assim, o rei resolveu partir.

A notícia correu depressa pelo reino.

As pessoas ficaram tristes, porque gostavam muito dele. E junto com a notícia, uma pergunta:

– Por que é que o rei foi embora?

– Eu acho que ele cansou de governar. Vida de rei deve ser difícil, com tantos ministros ministrando, tantos conselheiros aconselhando.

– E além disso, uma rainha vaidosa e mandona. Só queria saber de festa, banquete e roupa nova.

– Quando ele ainda era príncipe, gostava de coisas simples. Andar a cavalo, tocar flauta, tomar banho no rio. Podia até parar pra conversar com as pessoas.

– Mas agora, parecia tão cansado de tudo! Não tinha mais tempo nem liberdade pra fazer o que queria.

Na verdade, ninguém sabia ao certo porque é que o rei tinha ido embora.

Uma pergunta sem resposta. Muitas dúvidas. Muita tristeza.

Talvez uma questão de saudade.

A rainha ficou furiosa.

Não queria saber de tristeza nem de saudade. E baixou o seguinte decreto:

– De hoje em diante, fica proibido sentir saudades! Se alguém for encontrado triste na rua, com cara de saudade, será castigado.

As ruas foram ficando vazias.

As pessoas não tinham coragem de sair. Ficavam em casa, escondendo a tristeza.

E cada um procurou prender a saudade a seu jeito.

Marina Martinez, *Por uma questão de saudade*

Compreender

1. Pesquise e explique o significado da palavra **decreto**.

2. Descreva qual foi a reação da rainha quando o rei comunicou-lhe que precisava partir.

3. Cite as três possíveis razões encontradas pelo povo para explicar a partida do rei.

4. Indique em seu caderno:

(**1**) para o que o rei gostava de fazer.
(**2**) para o que a rainha gostava de fazer.

a) andar a cavalo
b) ir a festas e banquetes
c) banhar-se nas águas do rio
d) comprar roupas novas
e) tocar flauta
f) mandar em todos

5. Ordene os fatos de acordo com a seqüência do texto:

a) A rainha ficou brava com o povo e decretou que estava proibido andar triste pelas ruas.
b) Todos queriam adivinhar as razões que fizeram o rei decidir partir.
c) O rei decidiu partir para bem longe.
d) As pessoas não sabiam como fazer para esconder a saudade que sentiam.
e) A saudade tomou conta do povo.
f) A notícia da partida do rei espalhou-se pelo reino.
g) As ruas da cidade ficaram desertas.
h) A rainha disse ao rei que se ele partisse não deveria voltar.

6. A rainha ficou furiosa quando percebeu que o povo estava com saudade do rei. Retire do texto o trecho que demonstra como a rainha usou seu poder sobre o povo.

7. Explique o que o autor quis dizer com "Talvez uma questão de saudade".

ANA MARIA MACHADO

Alguns medos e seus segredos

ILUSTRAÇÕES DE ELIARDO FRANÇA

14ª IMPRESSÃO



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

ALGUNS MEDOS E SEUS SEGREDOS

histórias de
ANA MARIA MACHADO

desenhos de
ELIARDO FRANÇA

BIBLIO. CA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº 2587
Data 18/09/98

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

MÃE COM MEDO DE LAGARTIXA

Era uma vez uma mãe...

... que tinha medo da lagartixa.

No resto, era uma valente: ficava sozinha, cantava no escuro, tomava sopa quente.

Era mesmo corajosa: enfrentava barata, discutia com o chefe, tomava injeção toda prosa.

De bicho de pena e de bicho de pêlo, ela gostava muito. Filho dela podia ter cachorro, gato, coelho, periquito, curió, canário, porquinho-da-índia.

Nem que fosse tudo ao mesmo tempo, ela não se incomodava, até animava, mais ainda inventava.

Peixe e jabuti, também, ela deixava como ninguém.
E tinha aquário redondo com peixe vermelho e tinha varanda vermelha com jabuti redondo.

Se os filhos descobrissem macaco de asa, ela era capaz de deixar em casa.
Se para uma vaca encontrassem lugar, não ia ser ela quem ia atrapalhar.
Se na área um cavalo coubesse direito, a meninada ia logo dar jeito, e ela na certa ia achar bem perfeito.

02



Campus Universitário de Pontes e Lacerda



Mas sapo? Minhoca? Perereca? Camaleão?
Nem queria saber. Disfarçava e ia se esconder.
Os filhos explicavam:
— Mamãe, que é que tem? Um bicho tão bonzinho, não faz nada, olha aí!

Ela olhava. Mas não gostava.

E aqueles lagartinhos nas pedras-do-sol?
— Um bichinho à-toa, mãe, deixe de ser boba!

Mas aí ela era boba. Tão boba que no caminho da praia, pelo meio do matinho, ia pisando forte e falando alto, fazendo barulho só para assustar os lagartinhos — que saíam correndo, morrendo de medo de uma mulher tão grande e barulhenta.

Mas o medo maior era o que a mãe tinha de lagartixa.
— Um perigo dentro de casa! Pode atacar a qualquer instante!

— Atacar, mãe? Que idéia! — ria Antônio.
— Que gracinha, mãe. Olha aquela lagartixa lá no alto da parede — mostrava João.
— É mesmo, branquinha e transparente, de cabeça em pé. Parece filhote de jacaré — dizia Luísa.
Não adiantava, ela não gostava.



Um dia, resolveram pregar uma peça nela.
Na saída da escola, tinha um vendedor de bala, estalinho, pirulito e brinquedo. Brinquedos gozados: baratas e aranhas de plástico, lagartixas de mentirinha.

Compraram duas e levaram para casa. Puseram uma na gaveta, outra na prateleira, ao lado.

Quando ela chegou do trabalho e foi mudar a roupa, foi um susto. Quer dizer, primeiro foi um:
— Ai! Me ajudem! Antônio! Luísa! João!

Depois foram dois sustos:
— Depressa! Vem cá todo mundo!

Os meninos foram correndo. E viram a mãe tremendo.

— Uma lagartixa horrorosa! Subiu pelo meu braço e correu para a gaveta! E tem outra medonha ali na prateleira... Pelo amor de Deus, vocês peguem esses bichos horríveis, que eu não agüento nem ver!



Os meninos se olharam enquanto ela saía:
— E lagartixa de brinquedo sobe pelo braço?
— Será que tem alguma de verdade?

Olharam bem. Não tinha. Só as mesmas, de brinquedo. E ela com tanto medo! Que mãe fiteira! E ainda por cima, inventadeira...

08

08

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

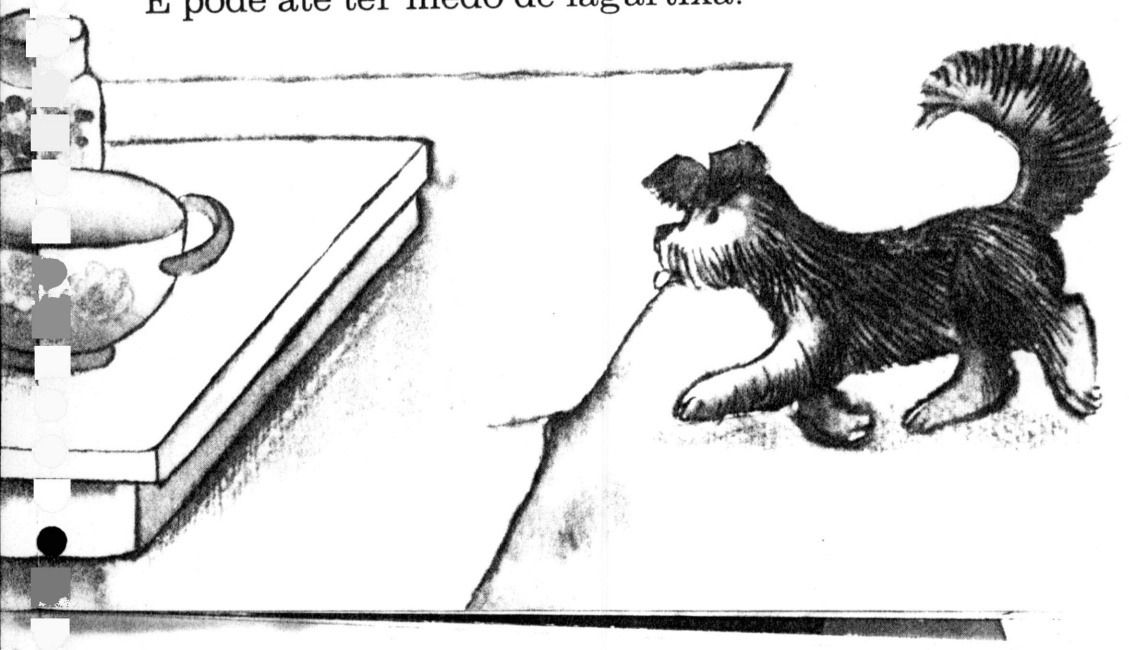
Foram rir dela, numa grande gozação: mas chegaram na sala e não riram. Porque o que ela falou foi assim:
— Que bom que vocês estavam em casa. Vocês são tão corajosos... Fico tão orgulhosa de meus filhos que não têm medo e tomam conta de mim...

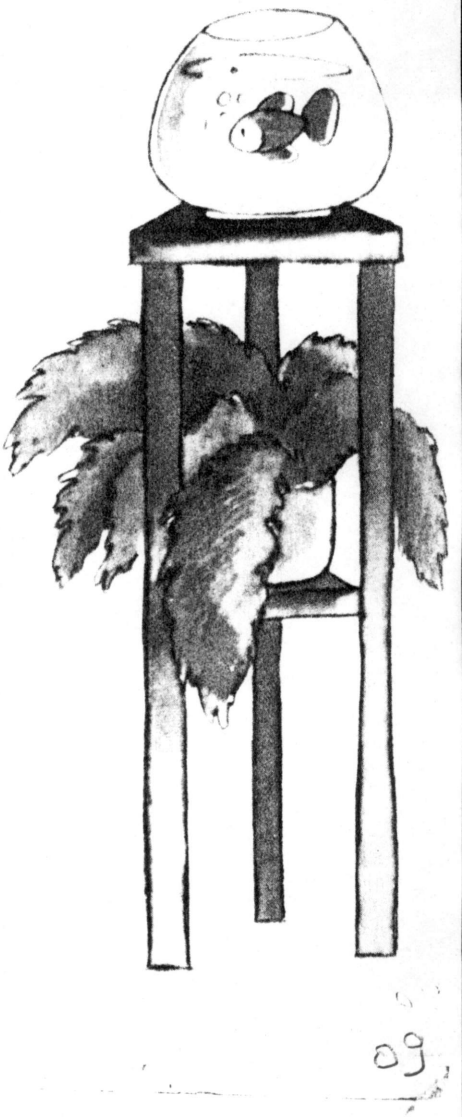
E, sentada no sofá, abraçou os três ao mesmo tempo, fechou os olhos, encostou a cabeça neles, feito menina pequena.

E eles se olharam e entenderam.

Todo mundo tem seu medo, cada um tem seu segredo. Quem parece sempre forte, no fundo é meio sem sorte: tem que agüentar bem sozinho, sem ajuda nem carinho:
— A mãe é que nem a gente.
E gente se assusta, chora, ri, fala, inventa, conta, grita e cochicha.

E pode até ter medo de lagartixa.





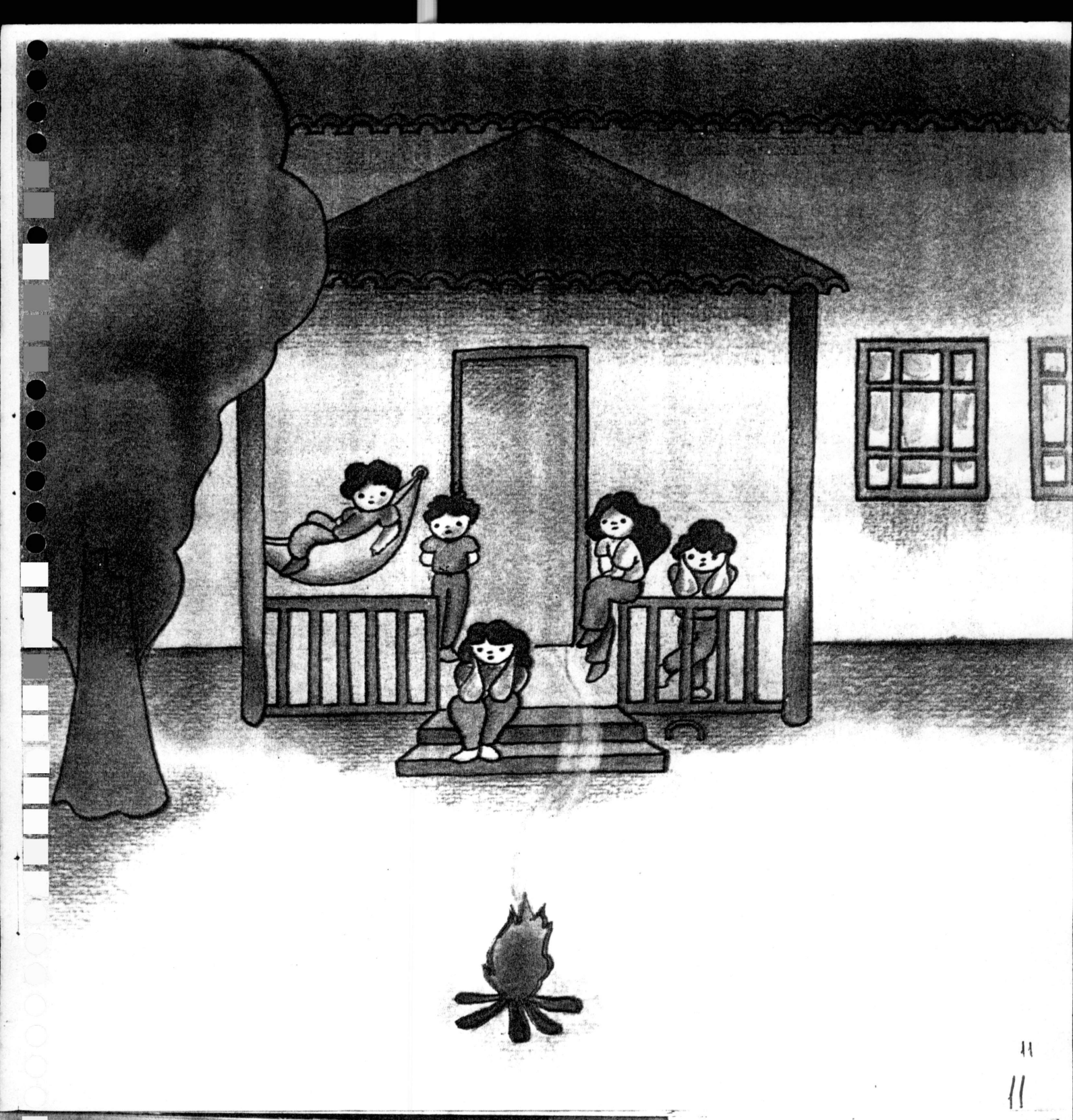
COM LICENÇA, SEU BICHO-PAPÃO

Era uma noite sem lua, daquelas bem escuras. Na varanda do sítio, os primos conversavam, olhando o final da fogueira que tinham acendido para espantar mosquitos.

— Daqui a pouco vou dormir — disse Lena. — Aquela subida de morro me deixou cansada.

— E eu quero estar em forma para o jogo de amanhã — disse Beto.

— Nem precisa — riu Dudu. — Aquele pessoal não é de nada. A gente ganha deles com um pé nas costas.



Conversaram sobre o que tinham feito e o que queriam fazer naquelas férias. Depois, foram calando, meio cóm sono. Só se ouvia de vez em quando uma rede rangendo, uma ave piando ou a lenha chiando na fogueira. Até que veio a vozinha de Cristina:

— Estou morrendo de medo...



Dudu bancou o valente:
— Medo de que, sua boba? Do escuro?

Beto respondeu antes:
— Não é exatamente do escuro, Dudu.

— É... — explicou Cristina. — Não é bem do escuro. É de Monstro, Assombração, essas coisas da escuridão...

— Velho-Que-Vem-Com-Um-Saco, Bruxa, Dragão... — completou Lena.

Beto acrescentou:
— Gigante-Que-Come-Criança, Ladrão...

Até Dudu foi lembrando:

— Lobo-Mau, Ataque-de-Leão...

— E Bicho-Papão... — tremeu Cristina.

— E BICHO-PAPÃO... — repetiram os outros.

Ficaram todos assustados, com medo. Só um deles não tinha dito nada. Tonho, o filho do caseiro, logo ele que contava tanta história de alma do outro mundo.



14

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

No meio do medo geral, eles foram reparando que uma coisa esquisita estava acontecendo. Na luz da fogueira, cheia de sombras, o tempo todo se mexendo, aqueles medos iam aparecendo...

Era só olhar, estavam todos lá — Monstros, Assombração, Velho-com-Saco, Bruxa, Dragão, Gigante-Que-Come-Criança, Ladrão, Lobo-Mau, Ataque-de-Leão... e BICHO-PAPÃO!

As crianças pensaram em gritar, sair correndo, mas nem conseguiram. E tiveram que ouvir tudo o que eles diziam:

— Bota a mesa aí...
— Será que dentro desse saco não tem toalha? Guardanapo? Prato? Faca?
— O fogo já está no ponto, é só botar mais lenha.
— No caldeirão da Bruxa cabem todos.
— O Gigante tem uma receita ótima...

Os monstros só conversando, se preparando. O BICHO-PAPÃO no comando. A garotada só escutando. Até que, de repente, ouviu-se uma voz diferente:

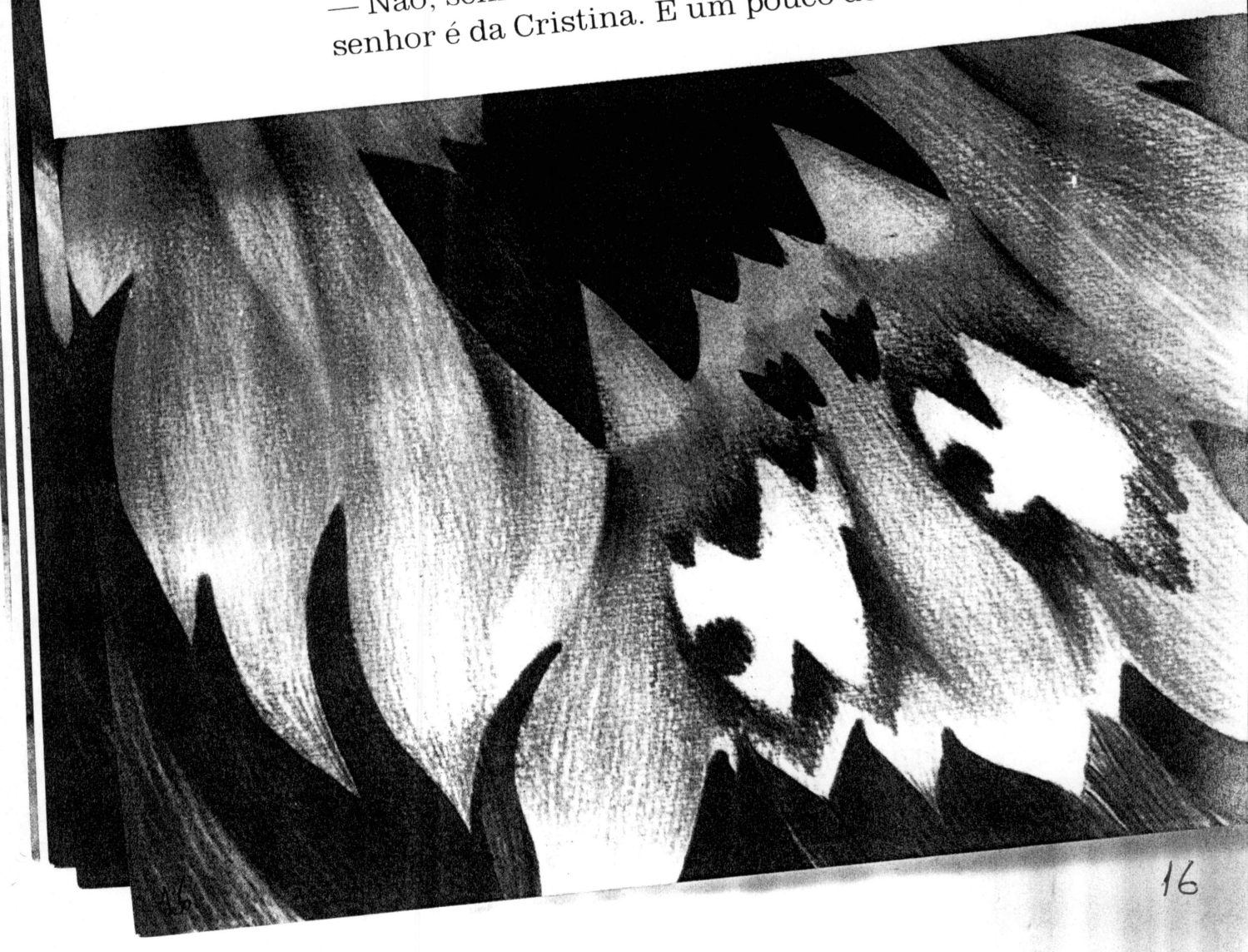
— Com licença, seu bicho-papão...
(Uma voz que falava assim mesmo. Como se *bicho-papão* fosse uma palavra igual às outras, de letra pequena.)

Fez-se um silêncio. A voz repetiu:

— Dá licença, por favor, seu bicho-papão?

Era Tonho, que logo foi ouvindo uma bronca do Bicho-Papão: — Qual é, menino? Mas que confiança... Que história é essa de atrapalhar nossa comilança? Mas que criança! Por acaso eu sou seu monstro, sou?

— Não, senhor — respondeu Tonho, educado. — O senhor é da Cristina. E um pouco de todos.



— Eu e o Gigante somos do Beto — foi se metendo o Ladrão. — Ou ele é nosso...

— É... o Velho, a Bruxa e o Dragão são da garotinha ali, o Lobo-Mau e o Ataque-de-Leão são do menino aqui, não é preciso repetir. Cada um sabe quem chamou. Mas você? Qual é o seu monstro? — perguntou a Tonho o Bicho-Papão.

— Não é nenhum dos senhores, não.

— Qual é, então? Qual o segredo? De que é que você tem medo?

— De FOME... — tremeu Tonho.

E assim que ele falou, a FOME se mostrou. Tão forte que ele quase desmaiou. E mais uma vez ele pediu:

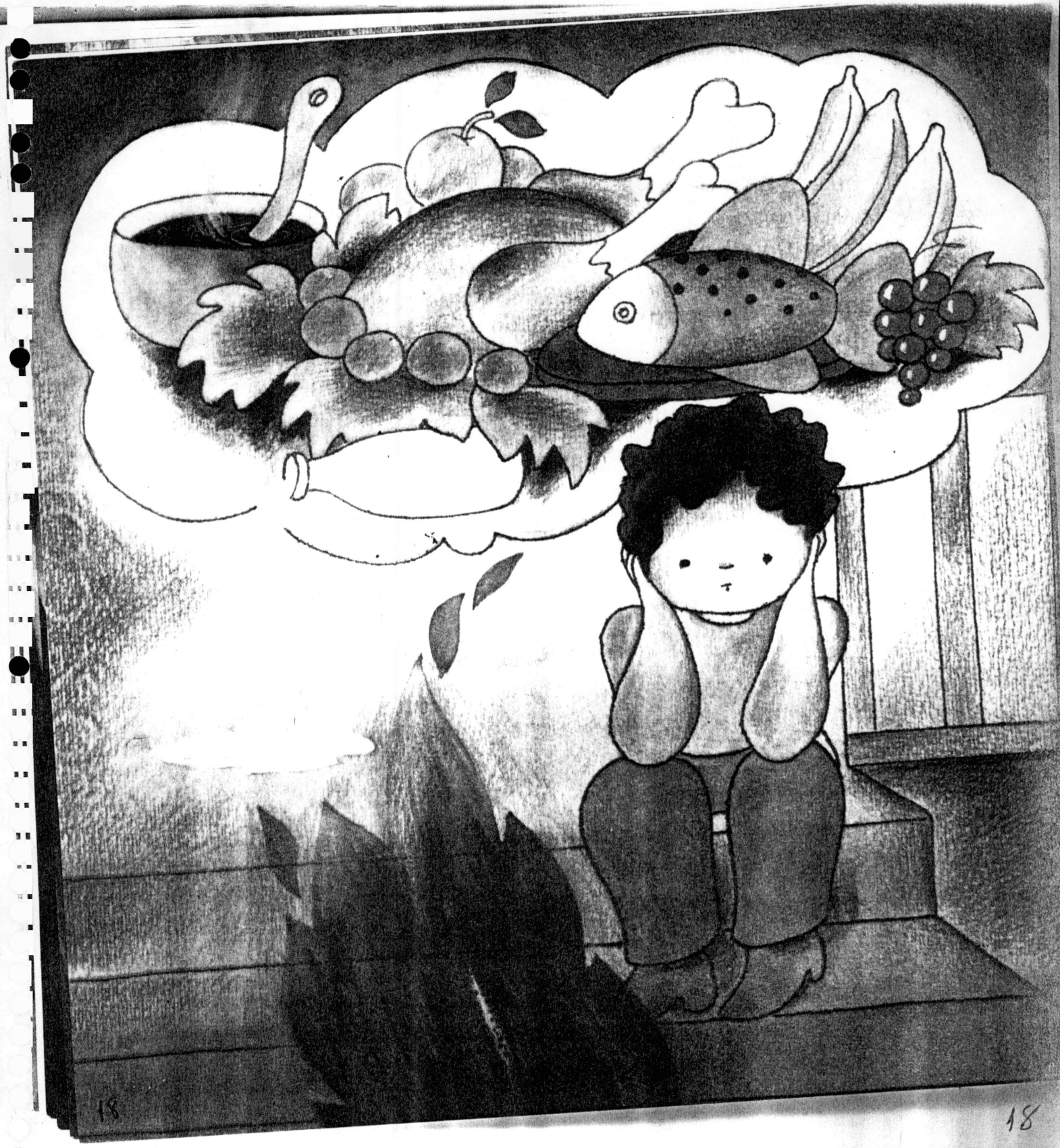
— Com licença, seu bicho-papão. Tem uma comidinha pra mim aí nesse banquete? Feijão com arroz mesmo. Não faço questão de sorvete.

— Você é que vai ser comido.

— Nada disso. Só dá certo com quem tem medo. Eu, não. Só tenho medo é de Fome.

— Quer comer conosco? Então venha. Vai ter todo tipo de criança medrosa. Bom...

UNESA
Campus Universitário de Pontos e Laranjeiras
BIBLIOTECA


18

— Ah, isso não — disse Tonho. — Se eu tivesse os poderes de vocês, ia comer do bom e do melhor: feijão, arroz, mandioca, lingüiça, carne de porco...

— Carne de porco é ótimo. Eu já comi — lembrou o Lobo-Mau...

— ... peixe assado, carne assada, milho assado... — continuou Tonho.

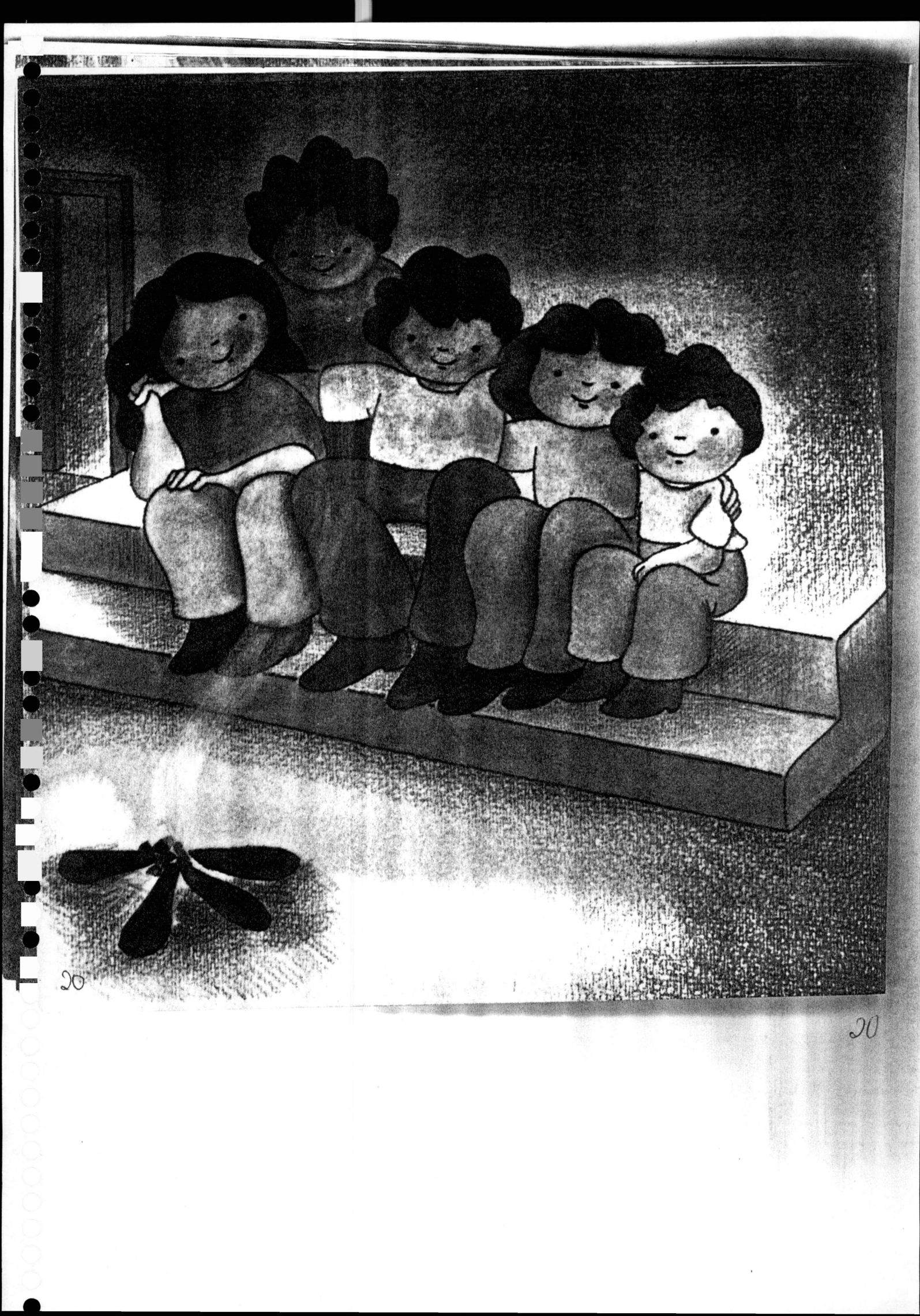
— Hum, assado é uma delícia — interrompeu o Dragão, limpando os beiços.

— ... galinha... — ia continuar Tonho.

Mas o Velho e o Ladrão nem deixaram, já de saco em punho rumo ao galinheiro:

— Viva! Galinha é gostosura!

E começaram todos a pedir à Bruxa que fizesse logo aparecer um banquete de verdade, caprichado, capaz de ajudar Tonho a matar a Fome.



E assim foi feito. Tinha de tudo. Ou quase tudo. No fim, o Gigante notou:

— Cadê a sobremesa?
— Só pedindo às crianças — explicou o Bicho-Papão. — Mas eu morro de medo.

— De quê? — perguntou o Gigante, distraído e com sono, de tanto comer.

— De Doçura — explicou baixinho a Bruxa.

— DOÇURA?! — repetiram todos. — Ai, que medo!

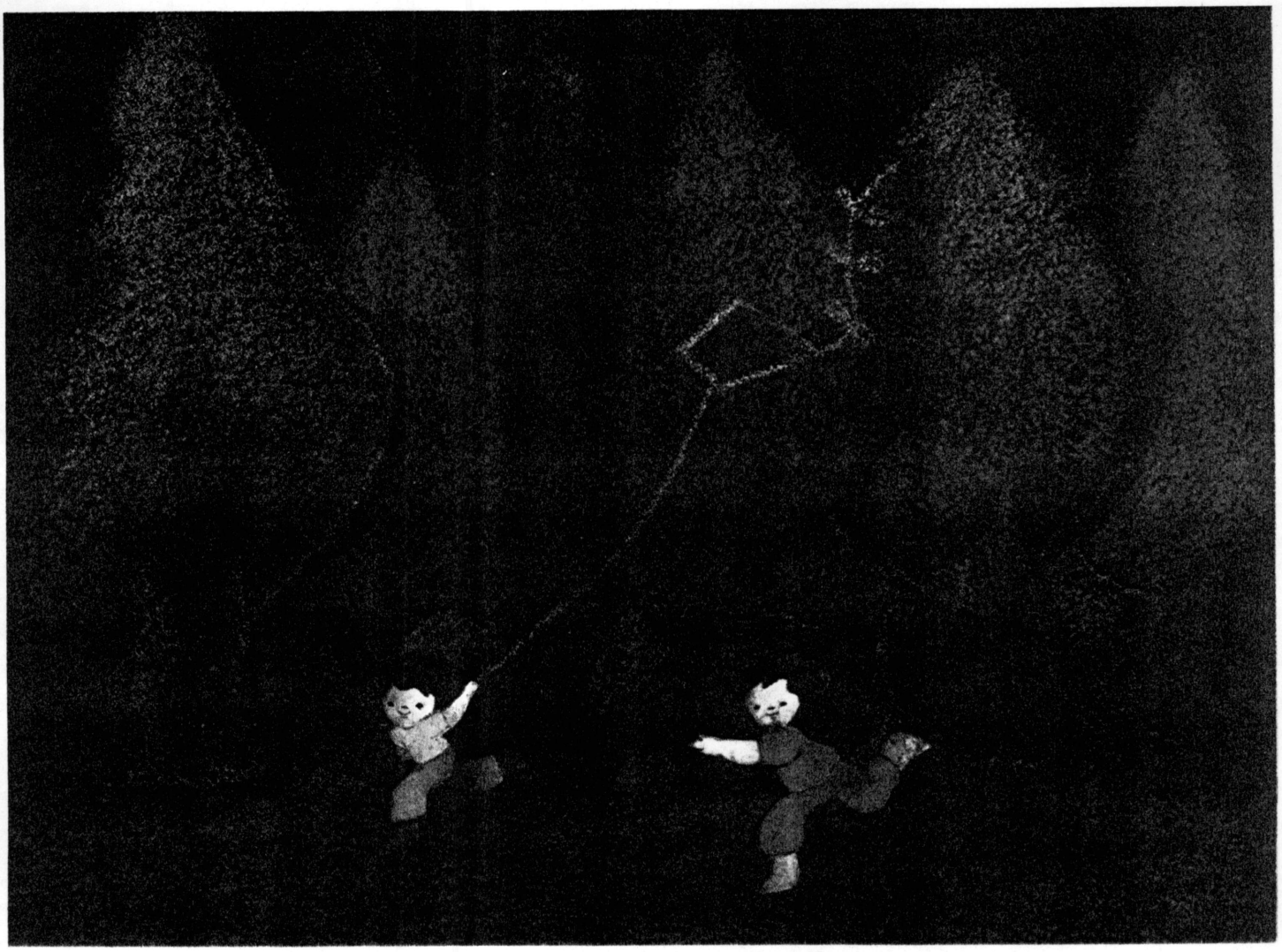
E a Doçura apareceu. As crianças todas rindo. E a DOÇURA foi tanta que os monstros se apavoraram e fugiram, não ficaram nem em cima do telhado. E a garotada pôde dormir sossegada.

O LOBO MAU E O VALENTE CAÇADOR

Era uma vez um menininho que vivia numa cabana na floresta com o pai que era caçador e a mãe que fazia de tudo — cozinhava, lavava, passava, arrumava, costurava, se chateava e suspirava. E era uma vez, também, um lobinho que vivia numa caverna nessa mesma floresta, com a família toda — que lobo gosta de viver em alcatéia, quer dizer, em bando.

O menininho brincava com outras crianças que apareciam por ali — os filhos do lenhador, a filha da lavadeira, o neto do mascate, uma menininha que às vezes se perdia no bosque apanhando framboesa...

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
BIBLIOTECA



UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

O lobinho brincava com outros lobinhos iguais a ele, irmãos e primos, alguns da mesma ninhada, outros maiores, outros menores, se divertindo com jogos de rolar no chão, se embolar pra lá e pra cá...

Às vezes, de noite, o pai ou a mãe contava histórias para o menininho na beira da fogueira. E essas histórias tinham sempre um lobo mau. Podiam falar de porquinhos, de Chapeuzinho Vermelho, de muita coisa, mas já se sabe: de repente, lá vinha um lobo mau, que bufava, soprava, estufava, derrubava casinha, tinha uns olhos tão grandes e também uma boca tão grande, só para comer criança.

Às vezes, também, de noite, na caverna, o lobinho custava a dormir e ficava ouvindo as histórias que os lobos mais velhos contavam uns para os outros. E essas histórias sempre tinham um caçador malvado. Podiam falar de riachos limpos, de campos imensos, de muita coisa, mas já se sabe: de repente, lá vinha um caçador que botava armadilha para lobo, dava tiro em lobo, arrancava pele de lobo.



Quando o menino cresceu um pouco e podia sair sozinho, na hora em que ele pedia:

— Mãe, posso ir brincar na floresta?

A mãe sempre respondia:

— Pode, mas tenha cuidado, meu filho. Não vá longe. Pode ter um lobo por aí.

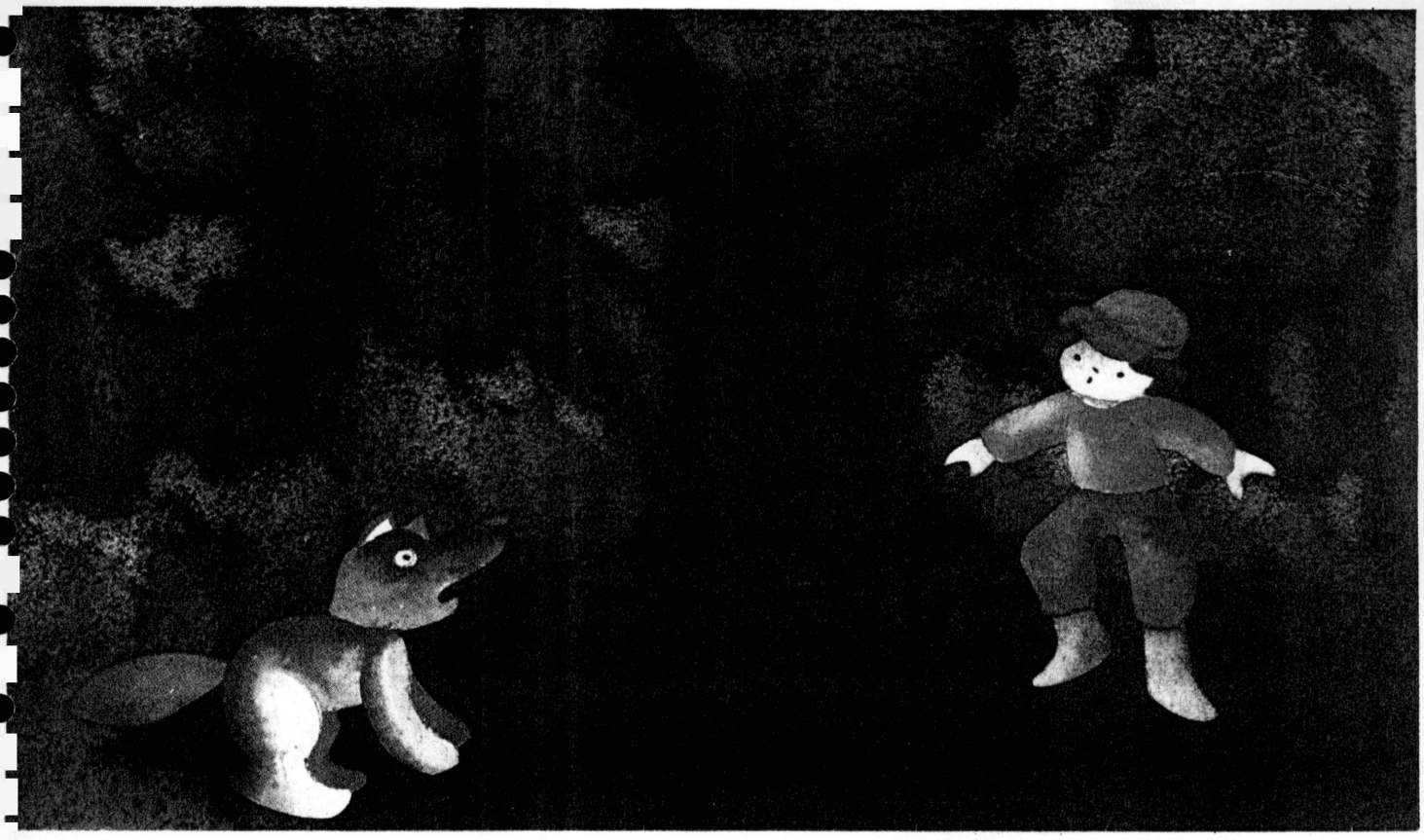
E quando o lobinho cresceu um pouco e podia sair sozinho, na hora em que ele pedia:

— Mãe, posso ir brincar na floresta?

A mãe sempre respondia:

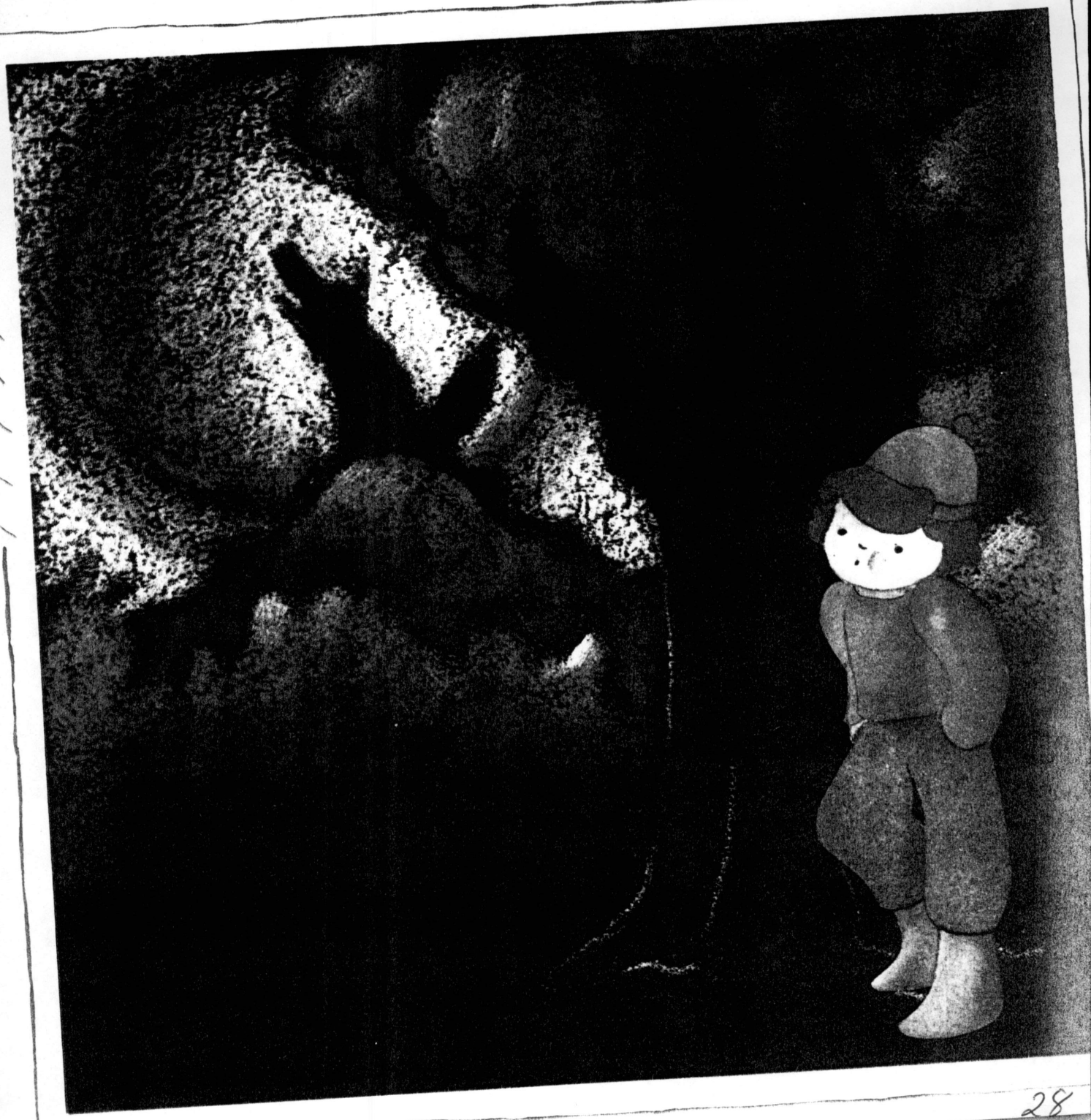
— Pode, mas tenha cuidado, meu filho. Não vá longe. Pode ter um caçador por aí.





E eles não iam muito longe. Mas como moravam na mesma floresta e iam crescendo, os passos deles iam ficando maiores e levando cada um mais para perto do outro. Até que um dia...

Um dia o menino estava distraído, meio longe de casa, e pisou num galho seco que estalou. Aí o lobinho, que também estava por ali, distraído, meio longe de casa, ouviu o estalo, se assustou e bufou. Então os dois se viraram e se olharam. De repente. Frente a frente.



Aí cada um fez uma das caras mais esquisitas que alguém pode fazer: cara de medo, de muito medo, de pavor mesmo. E as caras apavoradas eram tão apavorantes que cada um saiu correndo para um lado.

Chegando em casa, o menino contou:
— Encontrei um lobo na floresta, mas ele ficou com tanto medo de mim que saiu correndo.

Chegando na caverna, o lobinho contou:
— Encontrei um caçador na floresta, mas ele ficou com tanto medo de mim que saiu correndo.

Parece que quem ouviu não acreditou muito. Mas o que importa é que os dois acreditaram. Quer dizer, acho que acreditaram. Porque, desde esse dia, quando precisa andar no bosque, o menino põe a mão no bolso e sai assoviando e cantarolando aquela canção:

"Quem tem medo do lobo mau? Ninguém tem, ninguém tem..."

E o lobinho quando precisa ficar acordado de noite, estica bem alto o focinho para a lua e uiva:

— Sumiiiiiiiiu! Fugiiiiiiiiu! Fui eeeeeeeeu!

©1984, by Ana Maria Machado

Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 – Botafogo
CEP: 22251-050 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: 537-8770 – Fax: 286-6755
Endereço telegráfico: NEOFRONT

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M129a Machado, Ana Maria.
Alguns medos e seus segredos / Ana Maria Machado ; ilustrações de Eliardo França. — Rio de Janeiro : Nova Fronteira.

1. Literatura infanto-juvenil I. França, Eliardo II. Título.

J
CDD - 028.5
CDU - 087.5
82-93

84-0428

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO LETRAS

Pontes e Lacerda, 16 de agosto de 1999

Assunto:
Pesquisa de campo.

Senhor Diretor

Gostaríamos de contar com sua colaboração em estar permitindo que a aluna do 8º semestre do curso de Letras, Dulcinéia Sebastião Roseno Nascimento, assista aulas de Língua Portuguesa na 3ª série A do 1º grau desta escola, para fins de realização de um projeto de pesquisa, no qual a aluna está trabalhando, sendo este um trabalho que realiza-se no final do 8º semestre do curso de Letras. Considerando que a aluna acima citada já entrou em contato com a professora titular da série mencionada, e a mesma permitiu este trabalho de campo em suas aulas

Atenciosamente

Marlene Flores de Souza
Prof. do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura.(Unemat)

Ao Sr. Diretor

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO LETRAS

Pontes e Lacerda, 16 de agosto de 1999

Assunto:
Pesquisa de campo.

Senhora Professora

Gostaríamos de contar com sua colaboração em estar permitindo que a aluna do 8º semestre do curso de Letras, Dulcinéia Sebastião Roseno Nascimento, assista no mínimo 14 aulas de Língua Portuguesa na 3ª série A do 1º grau, a qual a V.Sª atua como professora titular . A necessidade que nos leva a contar com sua colaboração e apreço, designa-se a um projeto de pesquisa que a aluna acima citada está realizando para fins de um ensaio monográfico.

Atenciosamente

Marlene Flores de Souza
Prof. do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura.(Unemat)

A Sra. Professora